



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS/LICENCIATURA**

**ELVO ARAUJO DE SOUSA**

**SABOTAGE, MÚSICA E CINEMA: A ARTE QUE NASCE DIANTE  
DO CAOS SOCIAL**

**TOCANTINÓPOLIS/TO  
2020**

ELVO ARAUJO DE SOUSA

**SABOTAGE, MÚSICA E CINEMA: A ARTE QUE NASCE DIANTE  
DO CAOS SOCIAL**

Monografia a ser apresentada e apresentada à UFT -  
Universidade Federal do Tocantins - Campus  
universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências  
Sociais Licenciatura para a obtenção de título de cientista  
social

Orientador: Prof. Dr. João Batista de Jesus Félix

TOCANTINÓPOLIS/TO  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S725s    Sousa, Elvo .

Sabotage, música e cinema: a arte que surge diante do caos social. / Elvo Sousa. – Tocantinópolis, TO, 2020.

62 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2020.

Orientador: João Batista De Jesus Félix

1. Considerações iniciais. 2. O guri do Canão. 3. Música e cinema: quando o rap nacional invade as telas. 4. Análise do documentário "Sabotage: O maestro do Canão". I. Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**ELVO ARAUJO DE SOUSA**

**SABOTAGE: MÚSICA E CINEMA A ARTE QUE NASCE DIANTE DO CAOS  
SOCIAL**

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus de Tocantinópolis, curso de Ciências Sociais Licenciatura, para a obtenção do título de cientista social e aprovação em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

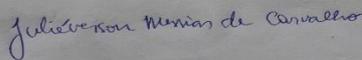
Data de aprovação:17/12/2020

Banca Examinadora:



---

Prof. Dr. João Batista Felix (Orientador)



---

Prof. Mestre Julieverson Carvalho, UFT



---

Prof.ª Dr.ª Mariane Pisani, UFT



---

Prof.ª Dr.ª Karina Almeida, UFT



---

Prof. Dr. Uvanderson Silva, FBDH  
TOCANTINÓPOLIS/TO

2020

*Um salve aos meus familiares e amigos (as) que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis de minha jornada acadêmica, gostaria de dedicar esta vitória ao Neaf/UFT e ao Cineclube/UFT que foram essenciais para minha formação e o desenvolvimento do tema desta pesquisa, essa conquista não é só minha é nossa!*

## AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador o professor Dr. João Batista de Jesus Félix, sem suas observações esta pesquisa não teria chegado onde chegou, gostaria também de agradecer a todos e todas o(a)s docentes que participaram de minha formação ao longo destes árduos anos.

Em segundo lugar gostaria de demonstrar minha eterna gratidão à minha família, à minha mãe pela guerreira que é, um salve a dona Alzenir Bandeira Araujo, aos meus irmãos Engo Araujo de Sousa, Isaias Araujo de Sousa e Kesia Araujo de Sousa, amo vocês.

Não poderia deixar de agradecer aos colegas, que diante de momentos de dificuldade sempre estiveram à disposição para me ajudar, principalmente nos momentos em que pensei em desistir do curso, são eles e elas: Caroline Soares, Luciana Conceição da Silva, Kelita Oliveira Martins, Renata Brito de Sá, Nayane de Sousa Pinho e Wellisson Rafael Barros Silva, Cristiane de Oliveira Rosa, a todos e todass fica minha eterna gratidão.

Gostaria de demonstrar minha gratidão ao Laylson Mota Machado por suas contribuições e apontamentos, suas observações também foram importantes para a conclusão deste trabalho, ao Douglas Firmo, que me emprestou a biografia do Sabotage. Vai um agradecimento especial à minha namorada Yasmin Parreão, que além de contribuir com seus apontamentos para esta pesquisa, esteve comigo nos momentos de angústia e baixa autoestima, sem ela ao lado não sei o que seria deste texto.

Não poderia esquecer daqueles e daquelas que me motivaram bastante para que terminasse este curso, são eles e elas: Eva Santos, Rosa Parreão, Gustavo Parreão, Leonardo Parreão, Karoline Araujo, André Luis e Lucas Maciel.

Meu muito obrigado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da África e dos Afro-brasileiros (NEAF), hoje coordenado pela pessoa do Professor Doutor Mauro Torres Siqueira, fica minha gratidão ao Cineclube da UFT em Tocantinópolis, coordenado pelo meu orientador, o Cineclube e o NEAF foram fundamentais para que eu pudesse construir meus argumentos, além das leituras e das discussões de textos.

Obrigado de coração

## RESUMO

Este trabalho discorre sobre a vida do *rapper* Sabotage, bem como sua trajetória no meio musical e no cinema em um contexto temporal da década de 1990, período no qual os *rappers brasileiros* não tinham muita visibilidade nas emissoras de televisão, pouco menos nas telas de cinema. O objetivo é analisar a vida de Sabotage a partir do documentário, dirigido por Ivan Vale Ferreira, da Produtora 13 produções (13p): “Sabotage: Maestro do Canção” (2015) e outras leituras complementares, a saber: Camargos (2018), Geertz (1981), Félix (2018) e Toni (2014). Tendo como relevância o fato de ser uma produção acadêmica inédita que retrata a vida pessoal e profissional de Sabotage, sua influência e importância como homem negro, sobretudo por apresentar uma perspectiva inovadora associando rap ao cinema. O método científico utilizado nesta pesquisa parte da perspectiva da Antropologia Audiovisual, onde se intenciona caminhar pela etnografia fílmica, ao qual entende o filme como um texto a ser interpretado e passível de reflexão para pesquisa.

**Palavras-Chave:** Rap. Cinema. Sabotage

## ABSTRACT

This work studies the life of rapper Sabotage, his career in the musical and cinema environment in 1990s, a period in which Brazilian rappers did not have much visibility on television, nor on cinema screens. The objective is to analyze the life of Sabotage starting from the documentary, directed by Ivan Vale Ferreira, from Produtora 13 productions (13p): “Sabotage: Maestro do Canção” (2015) and complementary readings, namely: Camargos (2018), Geertz (1981), Félix (2018) and Toni (2014). It is an unpublished academic production that portrays the personal and professional life of Sabotage, his influence and significance as a black man, especially for show an innovative perspective associating rap and cinema. The scientific method used in this research starts from the perspective of Audiovisual Anthropology, and it is seek to walk through film ethnography, which see the movie as a text to be interpreted and likely to reflection for research.

**Keywords:** Rap. Cinema. Sabotage.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do documentário.....	37
Figura 2 - Capa do álbum “Eu Não Sou Santo” (1990) .....	38
Figura 3 - Sabotage cercado de crianças.....	39
Figura 4 - Maria Dalva - Esposa do Sabotage.....	40
Figura 5 - Tamires - Filha de Sabotage.....	40
Figura 6 - Wanderson – Filho de Sabotage.....	41
Figura 7 - Dorotéia – trancista e amiga de Sabotage.....	42
Figura 8 - Thaíde – <i>Rapper</i> .....	42
Figura 9 - Rappin Hood – <i>Rapper</i> .....	43
Figura 10 - Mano Brown - Vocalista do grupo Racionais mc’s .....	44
Figura 11 - Sandrão - Membro do grupo RZO.....	45
Figura 12 - Helião - Membro do grupo RZO.....	46
Figura 13 - Rodrigo Brandão – Jornalista.....	47
Figura 14 - Daniel Ganjaman.....	48
Figura 15 - C. Toni.....	48
Figura 16 - Tejo Damasceno.....	49
Figura 17 - João Gordo.....	50
Figura 18 - Hector Babenco.....	51
Figura 19 - Ailton Graça.....	52
Figura 20 - Paulo Miklos.....	53
Figura 21 - Beto Brant.....	54
Figura 22 - Sérgio Penna.....	55

## SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	11
2 O GURI DO CANÃO .....	14
3 MÚSICA E CINEMA: QUANDO O RAP NACIONAL INVADE AS TELAS .....	26
4 ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “SABOTAGE: O MAESTRO DO CANÃO” .....	34
4.1 – O dito e o não dito em Sabotage: Maestro do Canão .....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	59
REFERÊNCIAS .....	61

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de aprofundar a respeito do tema, é importante informar o ponto de partida desta pesquisa, como ela surgiu e o que nos motivou a querer problematizar esta temática e qual impacto teria este trabalho para o meio científico, pois um dos fatores que nos levou a estudar este músico periférico foi a falta de textos acadêmicos referentes à temática por nós escolhida.

Neste sentido, espera-se que este texto seja uma fonte acadêmica a ser consultada, analisada e questionada por outros pesquisadores e outras pesquisadoras. Nosso texto transitará pela literatura marginal, por fontes midiáticas, por artigos jornalísticos e acadêmicos, por livros e por uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, para tentar compreender como ocorreu a construção deste ser social no meio cinematográfico. Contudo, há uma indagação: como chegamos à definição deste tema para pesquisa?

Em uma tarde ensolarada, saindo da faculdade a caminho de casa, eu e um amigo do curso de Ciências Sociais, Jailson Ramos, ao descermos para a Beira Rio, por volta das 14 horas, ele me perguntou a respeito do andamento de minha monografia, se eu já tinha começado a escrever ou não. Respondi que estava parada, porque houve alguns imprevistos em relação ao tema que pretendia desenvolver e com o meu trabalho de campo. Inicialmente queria analisar a vida de um *rapper* que morava na cidade de Imperatriz – MA, cujo nome é Wesley, com o nome artístico Mensageiro Mc.

Acontece que fui informado que Mensageiro MC tinha se mudado da cidade de Imperatriz, foi aí que surgiu uma outra ideia: falar sobre o processo de embranquecimento do negro no cinema brasileiro, queria escrever algo sobre o filme “Garrincha – Estrela Solitária”<sup>1</sup>. Todavia, ainda não havia sistematizado nada sobre este assunto. Jailson, então me perguntou por que eu não analisava algo relacionado tanto ao cinema como ao Hip Hop, já que tinha demonstrado interesse nos dois temas.

Eu nunca tinha pensado nesta hipótese e isto atordoou-me e fez me pensar muito, principalmente nos filmes que debati no Cineclube da UFT em Tocantinópolis. Dei uma garimpada tentando lembrar das obras que já tinha debatido, veio-me à mente o documentário “Sabotage – O Maestro do Canção” (2015). Instigou-me a personalidade de Sabotage por alguns motivos, o primeiro foi pela sua irreverência, o segundo por ser considerado um dos grandes nomes do *rap* no Brasil e haver poucos textos acadêmicos sobre ele, encontramos a biografia

---

<sup>1</sup> Longa lançado em 1995 e dirigido por Ruy Castro.

“Um Bom Lugar”, de Toni, publicada em 2013 Assim, descobri que tinha achado a temática de minha monografia.

Este trabalho discorre-se sobre a vida do *rapper* Sabotage, primeiramente destacando sua vida longe da escola e perto da criminalidade até sua inserção na música, na segunda parte do texto falaremos sobre sua entrada no cinema atuando em filmes como “O Invasor” (2002), dirigido por Beto Brant<sup>2</sup>, “Carandiru, o Filme” (2003), dirigido por Héctor Babenco<sup>3</sup>”, isso abriu portas para que o *rapper* falasse sobre sua vivência na favela, seu envolvimento com o crime e seu resgate através da música, isso na década de 90.

O objetivo deste trabalho é analisar a vida de Sabotage a partir da produção cinematográfica escolhida e outras leituras complementares, abordando aspectos relacionados à sua vida pessoal e profissional. Tendo como relevância o fato de ser uma produção acadêmica inédita que retrata a vida de Sabotage, sua influência e importância como homem negro e também por trazer uma perspectiva inovadora associando rap e cinema.

Analisaremos as falas proferidas pelos entrevistados no documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015), dirigido por Ivan Vale Ferreira, da 13 produções (13p), as falas transitam entre familiares, amigos e amigas, atores, produtores, *rappers*, rockeiros e jornalistas, estes relatam como o *rapper* era, seu talento musical, como era irreverente e sua preocupação em melhorar sua situação financeira através da arte.

Percebemos neste músico elementos para pensar a democracia racial brasileira, pois ao analisar a obra de Ivan 13 produções percebemos que somente os membros do Hip Hop ou pessoas ligadas a ele é que destacam a condição de negro do Sabotage, seja de forma carinhosa ou mais radical, neste sentido não seria demais afirmar que através desta análise podemos entender como funciona as relações raciais em nosso país.

Para fundamentarmos nossa ideia utilizaremos os conceitos de reciprocidade obrigatória analisado e trabalhado por Marcel Mauss em sua obra “Ensaio Sobre a Dádiva” (1925) e o conceito de democracia racial que Lilia Schwarcz utiliza em sua obra “Espetáculo das Raças” (1993). No que se refere ao universo do Hip Hop nos utilizaremos de duas obras fundamentais, a de João Batista de Jesus Félix<sup>4</sup>, quando ele trabalha sobre os conflitos que há no Hip Hop em São Paulo, na sua obra “Hip hop: cultura e política no contexto paulistano”

---

<sup>2</sup> Longa dirigido por Beto Brant

<sup>3</sup> Héctor Eduardo Babenco, argentino naturalizado brasileiro, nasceu no ano de 1946 e morreu em 2016. Dirigiu filmes como “Pixote: a Lei do Mais Fraco” (1980); “Carandiru: O Filme” (2003); além de “O Beijo da Mulher Aranha (1985) etc.

<sup>4</sup> Antropólogo social, formado na USP e professor de Antropologia, no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

(2018) e na literatura marginal, na figura de Toni<sup>5</sup>, que escreveu a única biografia existente, até o presente momento, sobre Sabotage cujo título é “Um bom lugar” (2013) e por fim beberemos da fonte do antropólogo interpretativista Clifford Geertz, cuja obra “Interpretação das Culturas” (1973) foi essencial para o surgimento da antropologia audiovisual.

Encontrei também, textos como os de Alessandra Souza Brum “O Processo de Criação Artística no Filme O Invasor” (2003) e “Da Literatura Ao Filme: Elementos De Transcrição em O Invasor” (2011), de Suzana Reck, que junto com João Henrique Terezani escreveram “A Invasão do Cotidiano em O Invasor: Música Popular Como Referente Legitimador do ‘Real’” (2013), “O Drama da Condição (Des)Humana: Uma trajetória de pesquisa no filme Carandiru” (2012), de Francisco Marciel Vieira Gomes e João Tadeu Andrade, também usaremos como referência a dissertação de mestrado de Patricia Curi Gimeno intitulada “Poética Versão: A Construção da Periferia no Rap” (2009). Estes textos de alguma forma abordam sobre participações nos filmes “O Carandiru” e “O Invasor”. O interessante aqui é que Sabotage não tinha nenhuma experiência com o cinema, mesmo assim não só atuou, como também contribuiu para a construção dos enredos nos dois filmes, segundo as falas dos diretores destes longas no documentário analisado por nós, sobre este assunto discutiremos mais adiante, no segundo capítulo.

---

<sup>5</sup> Escritor, cineasta, jornalista do Portal Vermelho e artista multimídia.

## 2 O GURI DO CANÃO

Mauro Mateus dos Santos, cantor negro, compositor e ator, o Maurinho, para os mais íntimos e familiares, que depois se tornou o Sabotage, nome artístico, que carregou até o dia de sua morte, nasceu no dia 03 de abril de 1973 e foi assassinado no dia 24 de janeiro de 2003. Filho de Júlio Alves, catador de lixo e Ivonete Mateus dos Santos, que trabalhou por muito tempo de doméstica e também foi catadora de lixo.

Sabotage teve dois irmãos, Paulo Mateus dos Santos e Sérgio Mateus dos Santos, o primeiro era conhecido por Paulinho e o segundo por Deda, a quem o *rapper* nutria profundo respeito, vendo nele a figura paterna diante da ausência do pai, que tinha problemas com bebida alcoólica, maltratava a esposa e abandonou dona Ivonete quando ainda ela estava grávida. Mauro vai ter o seu primeiro contato com o pai somente no ano de 1988, aos 15 anos de idade (TONI, 2013).

Somando o abandono do pai à perda da mãe, a situação financeira de Mauro complicou bastante, a necessidade o obrigou a trabalhar desde cedo para ajudar a manter a casa, tendo que assumir a responsabilidade de um adulto prematuramente, não podendo aproveitar sua infância.

Assim como ele, no Brasil mais crianças periféricas passaram a trabalhar em mercados, comércios e nas atividades domésticas em geral, pois, de acordo com dados da imprensa, o trabalho infantil, em 2020, cresceu 20% na cidade de São Paulo. E essas crianças são as mais vulneráveis ao mercado de trabalho que explora a mão de obra-infantil.

Sobre isso é válido retomar algo sobre a infância de Sabotage, que além de trabalhar desde cedo foi diagnosticado com uma disfunção genética, que acontece muito em crianças negras, denominada anemia falciforme, ela é passada de pai para filho e caracteriza-se pela alteração dos glóbulos vermelhos no sangue, que os deixam parecidos com uma foice, por isso recebe este nome. De acordo com informações do site do Ministério da Saúde<sup>6</sup> “Essa condição é mais comum em indivíduos da raça negra. No Brasil, representam cerca de 8% dos negros, mas devido à intensa miscigenação historicamente ocorrida no país, pode ser observada também em pessoas de “raça” branca ou parda”.

Esta doença causa ao indivíduo uma aparência frágil e esquelética, para ser curado Sabotage foi levado a um terreiro por Dona Ivonete, para que fosse realizado um ritual de purificação, neste ato religioso foi aplicado no *rapper* uma ferradura quente (TONI, 2013),

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/dicas-em-saude/437-anemia-falciforme#:~:text=Essa%20condi%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20mais%20comum,forma%20diferente%20em%20cada%20indiv%C3%ADduo>. Acesso em: 19 ago. 2020

marca do guerreiro Oxóssi. Na música “Canção Foi Tão Bom”, do álbum póstumo, cujo título é “Sabotage” (2016), o *rapper* fala sobre a poliomielite, mais conhecida popularmente com paralisia infantil, doença que é causada pelo vírus poliomielite, que atinge crianças e adultos através das fezes e da boca. Sabotage diz:

Crime, ouro, dólar, bola fora, esquece/  
 Os vermes eleitos querem, seus votos, preferem/  
 Paralisia infantil no morro, cresce/  
 Ele observa, o crime impede, tu confere/  
 A mãe, o pivete, sujeito mais que pé de breque/  
 Se eu tô com frio, fome, fúria, trombo, clique-clack/  
 Sei que eles doam, mas não pros morros, pra Unicef/  
 Pobres esquecem, a mãe maior nos aparece e pede/  
 O fim maior está tão breve, filho então que reze/  
 Anda ló, vejo na maló, ó só, ainda mais pobre do que eu/  
 Ai, que dó.

A dele esposa relata que quando engravidou de Sabotage a situação financeira apertou, pois ele ganhava muito pouco e não era o suficiente para suprir as necessidades básicas de sua família, então as coisas foram se complicando cada vez mais, a ponto dele entrar no tráfico e a partir disso a situação financeira começa a melhorar.

Dalva ressalta que quando Sabotage entrou no meio musical escreveu a música “Cocaína”, do álbum “Rap é Compromisso” (2000), nesta letra o *rapper* destaca questões sobre como as drogas geram renda dentro da periferia e de como elas prejudicam quem as usa. Destaca também sua experiência no tráfico, as várias tragédias que presenciou. Com esta música Sabotage visava atingir tanto quem não era usuário, como quem era, isso tudo para gera conscientização. Uma forma de tentar se redimir do seu passado, nessa letra o *rapper* fala que:

A química é o demo e quer então nos destruir  
 Vários da função só sangue bom que viciaram (aham)  
 Do Brooklyn ao Canção tem branca pura em Santo Amaro  
 Muitos que estão com pensamento ao contrário (só só)  
 Quem não se aposentou só se está preso ou é finado  
 Alguns pedindo nos faróis desnorteados  
 Tem química na fita, contamina os brasileiros  
 Criança de seis anos com um cigarro nos dedos  
 Só no descabelo como disse o sem cabelo  
 Eu creio (hé)  
 Que o poder quer atitude e respeito  
 Mas observe os pretos sendo tirados no brasil inteiro  
 Então prefiro sim um fininho ao que me diz  
 Do que a pedra no cachimbo e o pó no nariz  
 Afinal é tipo assim, pretendo usufruir  
 Já vi vários lutarem contra o vício e conseguir  
 Basta saber esperar, ligeiro e não vacilar  
 Na moralina toda estrela eu sei que há de brilhar. Porque  
 (Letra da música “Cocaína” – Sabotage - 2000).

Na letra a cocaína é associada ao demônio, trazendo um conceito cristão, ao fazer esta analogia a música quer deixar bem claro que esta droga é algo ruim. Em sequência Sabotage fala das pessoas que antes levavam uma vida normalmente até se viciarem. Quando fala de “branca pura” refere-se a pureza da coca e de sua potencialidade, que se determinado indivíduo usar pode se tornar dependente químico, por isso é falado na letra na possibilidade de o indivíduo se aposentar, porque um dos efeitos desta droga é causar alucinações, delírios, isto tudo devido ao desequilíbrio químico do cérebro. A segunda consequência é ser preso, isso retrata o indivíduo que a trafica que pode ser preso por ser traficante e a última consequência é a morte, por conta da guerra às drogas causadas pela proibição ou pelo consumo exacerbado de determinada substância. Sabotage finaliza a estrofe afirmando preferir usar um cigarro de maconha a usar cocaína, dando a entender que ela é menos prejudicial.

A família de Mauro morava na favela do Canão, esta que Sabotage retratava com tanto amor e carinho em suas composições, ou mesmo em suas entrevistas. Apesar de ter o nome escrito e pronunciado no aumentativo, não é um lugar onde reside muitas pessoas, o local é uma área pequena se comparada a outras das periferias da cidade de São Paulo.

Na época em que o músico morou por lá habitavam em torno de 100 habitantes, esta localidade carrega tal nome devido ao grande e largo cano de cimento que os moradores usavam como ponte para atravessar o córrego das Espraiadas e chegar ao bairro Aeroporto. A favela do Canão recebeu este nome dos próprios moradores, conforme retrata Toni (2013):

A favela encravada no luxuoso bairro do Brooklin, no Alemão Medieval, corresponde à pequena ponte, e esta é exatamente a forma de acessar a favela: o cano de cimento era a maneira dos moradores atravessarem de um lado a outro do córrego das Espraiadas. Daí vem o nome do local (2014, p. 30).

O periférico constrói sua própria linguagem, tanto nas relações estabelecidas entre si como na designação de nomes para determinados lugares, assim como decidem a forma como se vestem, se portam e também nas formas como se organizam diante da ausência do Estado. Estes fatos podem ser analisados de diversas formas, falamos isto pelo fato de, à primeira vista, quando nos deparamos com as falas de Sabotage, referentes ao Canão, interpretarmos que era um lugar grande e bastante povoado, entretanto a realidade mostrava o contrário.

Há uma explicação de um dos porta-vozes da periferia, que ao nosso ver, demonstra como podemos compreender o processo de construção de uma gíria. Trata-se do sambista carioca Bezerra da Silva, que no documentário “Onde a Coruja Dorme”, dirigido por Simplício Neto e Márcia Darraik, lançado em 2012, dizia que a elite criou o “academicês”, uma linguagem que surgiu com o intuito de que o favelado não entendesse o que estava sendo dito ou escrito

pela academia, o cantor afirma mais, que o periférico também criou uma linguagem para si, com o objetivo de que o acadêmico não o entendesse, que é a gíria. É neste sentido que acreditamos assemelhar-se ao que constatamos na vida do *rapper*.

Esse fato de denominação de nomes, seja para si, ou para locais, nos fazem refletir que as palavras não são construídas de forma absoluta e que são flexíveis, na medida como ela é entendida pelo indivíduo ou pelo grupo que a usa, como uma forma de se apropriar desse determinado termo para lhe ressemantizar, o nome artístico do *rapper* é um exemplo disso. Sabotage era muito criativo e nas palavras do cantor Paulo Miklos, ao ser entrevistado no documentário que estamos analisando, afirma que foi com Sabotage que percebeu que as palavras podiam ter infinitos sinônimos. Stuart Hall, sociólogo e teórico cultural jamaicano, confirma isso em sua obra “A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade” quando atesta que:

[...] além disso, os significados das palavras não são fixos, numa relação um a um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua (HALL, 2019, p. 25).

Apesar da maioria dos *rappers* contemporâneos a Sabotage terem os Estados Unidos como inspiração para seus nomes artísticos, principalmente no berço do Movimento Hip Hop, o surgimento do codinome Sabotage veio de seu contexto familiar. Sabotage não tem a letra “m” no final, porque seu irmão Deda constantemente pedia que ele não pegasse sorrateiramente seus documentos para ir à alguma festa – tal como o baile *black* – que ocorria na Chic Show e na Zimbabwe, segundo Toni (2013). Quando isso acontecia seu irmão lhe dizia que ele estava sabotando, por isso o codinome Sabotage, que segundo o próprio *rapper*, este nome designa um agente que faz a sabotagem, isto é, ele é o agente realizador deste determinado ato.

Devemos mencionar que os irmãos de Sabotage queriam fazer um grupo de *rap* com este nome, porém, Deda foi preso no Carandiru, por tráfico de drogas, por este motivo este projeto ficou impossibilitado. Logo depois de solto ele foi assassinado.

Devido estes acontecidos Mauro acabou entrando em depressão e foi parar no hospital<sup>7</sup>, sua situação estava crítica, segundo o próprio *rapper*, ele recebeu a visita de um homem negro, vestido com uma roupa branca, Sabotage o chamava de “dr. Negrão”. Este médico falou que ele deveria voltar a comer, bastou estas poucas palavras para que começasse a se recuperar. Voltou a fazer suas atividades aos poucos, as pessoas perguntaram o que tinha

---

<sup>7</sup> Não conseguimos a informação de qual Hospital ele foi internado, esta informação é dada pelo Rodrigo Brandão na sua entrevista para o documentário que estamos analisando.

ocorrido, ele afirmou que tinha tido a visita de um médico negro e que este lhe falou algumas palavras de incentivo para que Sabotage continuasse a viver.

Acontece que não havia nenhum médico negro naquele hospital, o músico quando estava olhando um quadro com sua mãe, afirmou a ela que aquela pessoa que estava representada no quadro era quem tinha aparecido para ele. Neste momento sua mãe informou que era Oxóssi, que por sinal, era o orixá que lhe guardava.

Segundo foi retratado por um dos entrevistados no documentário, por nós analisado, a religiosidade de Sabotage era tamanha, ao ponto dele tatuar uma imagem do orixá Oxalá no seu braço e também chegou a mudar o seu penteado, as pessoas só poderiam pegar em seu cabelo somente se dona Ana, sua mãe de Santo, autorizasse. Havia uma questão que transcendia à estética e que estava ligada à sua religiosidade e à sua ancestralidade.

Vale a pena frisar que o número de médicos negros na cidade de São Paulo é bastante reduzido, principalmente no que diz respeito à década de 90, já que a inclusão do negro no espaço universitário, nesta época, era bem pequena. Neste período somente 2% dos negros ocupavam espaços universitários, este fato é evidenciado na introdução da música “Capítulo 4 Versículo 3”, do grupo de *rap* Racionais Mc’s, do álbum “Sobrevivendo No Inferno”, de 1997, em que o DJ Primo Preto afirma na abertura do CD:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial  
 A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras  
 Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros  
 A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo  
 Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.

Através destes dados podemos entender um pouco da posição da população negra paulista naquele período, e por conseguinte, a violência retratada na letra foi vivenciada por Sabotage desde sua infância. Sua situação de vida piorou depois que saiu do hospital, pois entrou de vez no tráfico de drogas. O fato de seus tios também serem traficantes possibilitou tal acontecimento, este laço entre o tráfico e a sua família fez com que ele percebesse que este era o caminho a ser seguido. Isso demonstra que Sabotage foi criado em um meio social com sérios conflitos com a lei e em seu processo de formação educativa, de acordo com o que é relatado por Toni (2013, p. 34), o crime teve bastante influência.

A cientista social Patricia Curi Gimeno, no texto “Poética Versão: A Construção Da Periferia No Rap” salienta que:

Entre os 8 ou 9 anos, Sabotage foi levado por um tio a fazer pequenos serviços para o tráfico de drogas do local. Talvez não fosse possível ser um “cara mais cabuloso” nessa idade. De todo modo, os pequenos serviços cresceram até que, em pouco tempo,

ele se tornou um “avião”. Aos 11 anos, foi promovido a “olheiro”; e, aos 15 anos, a “soldado” (GIMENO, 2009, p. 110).

Este vínculo familiar com pessoas envolvidas no crime, serviu para o surgimento do termo “tio”, que era uma referência a seus tios de ‘sangue’, entretanto esta expressão serve também como forma de comunicação para estas pessoas que levam essa vida marginalizada se comunicarem entre si, esta expressão é parte do dialeto, da gíria, de quem faz parte da vida criminosa, contudo também é uma forma dos mais jovens se dirigirem aos mais velhos.

Vê-se, então, que desde a infância o *rapper* teve forte ligação com o crime e só depois, na vida adulta, é que encontrou uma alternativa de vida – a música. Este percurso é muito similar aos de alguns *rappers* afro-americanos, que também se envolveram inicialmente com o tráfico e o uso de drogas, com a violência e depois ingressaram no mundo da arte. Segundo Félix (2018), Sabotage tem sua incursão no meio musical semelhante aos *gangstar rapper* norte-americanos Tupac Amaru Shakur e Notorious Bigg. Assim como eles, Sabotage também foi assassinado.

Um outro fator que aproxima Sabotage com outros nomes desse estilo musical, foi o fato de crescer sem pai, a maioria dos *rappers* cresceram criados somente por suas mães, mas este não é um problema estritamente encontrado no mundo do *rap*, é um problema estrutural que assola o Brasil e também outros países. Segundo os dados contidos no texto “O Abandono Afetivo Paterno Além das Estatísticas”, escrito por Caroline Aragaki<sup>8</sup>, cerca de 5,5 milhões de brasileiros não possuem o nome do pai em seus registros de nascimento e cerca de 11,6 milhões de famílias são formadas por mães, sem a presença paterna ao lado. Estas mulheres assumem os dois papéis, materno e paterno, na formação das crianças e na manutenção da casa.

No caso de Sabotage, como podemos perceber nas palavras de Toni:

Dona Ivonete criava sozinha seus três filhos, trabalhava duro para garantir o sustento da família. Recolhia papelão. As sobras de alimentos vinham de um mercado próximo, até conseguir o trabalho como faxineira. Ainda assim, a filha de Bento e Tereza educou Paulinho, Deda e Maurinho, de modo que pediam licença ao entrar na casa de qualquer pessoa, sempre tiravam o boné da cabeça para comerem e jamais faziam refeições sem camisa (TONI, 2013, p. 34).

Podemos perceber aqui que Dona Ivonete teve de criar as crianças sozinha, trabalhar fora para levar os mantimentos para sua casa, tal fator é colocado também pelo antropólogo Félix, no livro “Hip Hop: Cultura e Política no Contexto Paulistano” (2018):

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/o-abandono-afetivo-paterno-alem-das-estatisticas/> Acesso em 20 Nov. 2020

As mães da maioria dos *rappers* assumiram tanto o papel social reservado a elas como ‘mães’ como a de ‘pais’, devido a boa parte deles serem filhos de lares de mães solteiras. Por esse motivo sua posição na família é muito respeitada (FELIX, 2018, p. 171).

Devido à falta de saneamento básico, tanto no lugar onde morava, como nos bicos que fazia para conseguir dinheiro, dona Ivonete acabou contraindo a doença de chagas e faleceu em 1992. Esta perda afetou bastante Sabotage, porque ele nutria um sentimento enorme por ela, o fato de não ter dinheiro para dar a Dona Ivonete um bom velório, foi o que o marcou bastante. As mães ‘solo’ representam a estabilidade, num mundo em desordem.

Neste período o *rapper* já estava namorando Maria Dalva da Rocha Viana, uma mulher branca com quem acabou morando junto e tiveram um filho chamado Anderson dos Santos e uma filha chamada Tamires dos Santos.

Fora do casamento o *rapper* teve uma filha chamada Larissa que só foi descoberta por Dalva anos depois de uma das prisões que o *rapper* passou em que foi acusado por tráfico de entorpecentes, na delegacia ela viu um amigo de Sabotage chamado “Bife”, que esperava notícias sobre a autuação ao lado de uma moça chamava Ana Cristina, que Dalva pensava ser namorada do amigo do esposo, entretanto descobre que se tratava de uma amante do *rapper*. Ela foi descoberta pelo LiteraRUA, ao ver uma postagem nas redes sociais postando fotos e letras de Sabotage<sup>9</sup>.

Sabotage depois do falecimento de sua mãe mudou-se para a Favela da Paz, devido ao processo de desapropriação de casas, que atingiu os conglomerados que viviam à margem do córrego Águas Espraiadas. Houve um remanejamento de residências das pessoas, através de um projeto que foi implementado pelo, então, prefeito da cidade de São Paulo, Paulo Salim Maluf, que atingiu toda a avenida Faria Lima. Este projeto chamou-se Operação Águas Espraiadas, cujo intuito era a retirada dos moradores, principalmente os das favelas, para a construção de um minianel viário, que atenderia mais aos interesses da classe média paulistana do que a população pobre.

Para falar sobre este tema é necessário comentar sobre como as grandes cidades passaram a ser vistas como grandes produtoras de riqueza, ao estudar este fato nos textos da arquiteta Mariana Fix, podemos perceber que estes são processos de revitalização urbana que ocorreram desde o fim do período da ditadura militar em nosso país (1964-1985):

---

<sup>9</sup> Para mais informações: <https://www.rapnacional.com.br/inedito-conheca-larissa-a-filha-perdida-de-sabotage/#:~:text=T%C3%ADmida%2C%20inteligente%2C%20bonita%20e%20segundo,a%20filha%20ca%C3%A7ula%20de%20Sabotage.&text=Foi%20durante%20as%20aulas%20no,uma%20esposa%20e%20dois%20filhos>. Acesso em 24 nov. 2020.

[...] o projeto sugeria a importação do sistema de intervenção em parceria do setor público com o privado para remanejamento de grandes áreas, modelo que interessava ao setor imobiliário pelo ‘enorme sucesso em cidades dos países desenvolvidos’, segundo o consultor Luiz Antônio Pompéia. Finalmente, no plano diretor de 1988 (Lei 10.676, aprovada por decurso de prazo), elaborado na gestão Jânio Quadros (PTB, 1985-1988), a operação urbana foi retomada para ‘ampliar os benefícios das operações interligadas’ e definida como “a ação conjunta dos setores público e privado, destinada à melhoria do padrão de urbanização” (FIX, 2000, p.4).

Essas operações interligadas que a autora define devem-se ao modo como a prefeitura da cidade de São Paulo estava atuando em parceria com as esferas privadas, principalmente quando estes projetos atendiam aos interesses da classe média e ao discurso de que as cidades eram “máquinas de produzir riquezas”. O objetivo central foi gerir essas máquinas, iniciando então uma “higienização urbana”, ao qual o Estado apropriou-se de terrenos antes ocupados pela população negra e pobre.

A outra constatação é que essas alianças entre a prefeitura e as elites econômicas, mesmo que em períodos democráticos, sempre favoreceram prioritariamente a classe média e alta paulistana, podemos perceber isso em Fix:

[...] e a Prefeitura utilizou-se de um instrumento previsto na lei referente à operação: graças à autorização especial dada por um decreto do prefeito, as contrapartidas poderiam ser pagas em moeda corrente nacional e não em Cepac. Compra-se assim, em vez de um título, o ‘equivalente ao Cepac’ (FIX, 2000, p.5).

A prefeitura então corrobora com a criação de projetos que beneficiam a esfera privada, não priorizando investimentos que deveriam englobar a população mais pobre, essa renovação acabou por piorar as condições socioeconômicas dos que por ela foram atingidos. A respeito disso Fix atesta que:

Na prática, a operação serviu para valorizar a região da Berrini, por meio de uma operação de “limpeza social”, com a expulsão de mais de cinquenta mil pessoas, a maioria sem outra alternativa senão ir para outras favelas, boa parte delas junto aos mananciais de abastecimento da cidade, áreas de proteção ambiental. As “alternativas” oferecidas pela Prefeitura eram “verba de atendimento”, de aproximadamente R\$ 1.500, insuficiente mesmo para a compra de um barraco em outra favela; passagem de volta à “terra natal”; e, por último, compra de uma unidade habitacional na Zona Leste, longe do emprego, com pagamento de prestações mensais por 25 anos (FIX, 2000, p. 8).

Sabotage foi um dos que sofreram com as consequências dessa operação, a sua situação econômica piorou e ele se viu obrigado a mudar-se para a Favela da Paz, pois a favela do Canão fazia parte da área desejada para desapropriação. Gimeno (2009) destaca a situação na qual os que foram despejados tiveram que passar:

Em meados de 1998, mudou-se com a família da favela do Canão. Eles faziam parte do grupo de quase 50.000 pessoas que o então prefeito da cidade de São Paulo, Paulo

Salim Maluf, expulsou das favelas da região para a construção da Avenida Águas Espraiadas. Apesar da simbólica indenização de cinco mil reais recebida da Prefeitura pela desapropriação da favela, as notícias sobre os desvios de dinheiro das obras, sobre o superfaturamento da avenida e a truculência com que a desocupação foi realizada, praticamente transformaram a desapropriação numa ordem de despejo (GIMENO, 2009, p.101).

Sabotage, por sua vez, conciliava sua vida no tráfico, com bicos que fazia para ganhar mais dinheiro e para poder frequentar os bailes da Chic Show, comandado por Luizão. O *rapper* fazia algumas participações em concursos que lá aconteciam que envolviam grupos de *rap*, estes concursos eram feitos por Carlinhos Gomes e Natanael Valêncio. Toni (2013) assegura que é neste período que Sabotage tem o primeiro contato com Rappin Hood:

A amizade entre os dois não se iniciou no palco, mas na plataforma. Voltavam juntos do Club da Cidade, pegando o metrô na Barra Funda até a estação Santa Cruz. A estação de metrô, local de despedida dos dois *rappers*, se tornaria anos depois ponto de encontro de *freestyleiros* da cidade. [...] alguns que assistiram a sua performance naquele tempo afirmaram que ele era ruim e não demonstrava nenhum talento, além disso ele era ‘chato’, estava sempre nos bailes pedindo para cantar. ‘O Sabotage já era muito avançado’, diz Rappin Hood em sua defesa, ‘era incompreendido, estava a frente de seu tempo’ (TONI, 2013, p. 46).

Em um Show que aconteceu no baile da Zimbabwe, Sabotage teve contato com Mano Brown e Ice Blue, ambos membros do grupo de *rap* Racionais MC’s, neste encontro Sabotage cantou uma música chamada “Na City” e foi bastante vaiado, a música era de teor crítico e não foi muito aceita.

Outro local que o *rapper* teve contato com os membros do Racionais MC’s foi nos ensaios da escola de samba Vai Vai. Apesar desses encontros, eles nunca conversaram, o contato foi estabelecido de forma indireta através de amigos de Sabotage, que quando o viam falavam para o Mano Brown que ele cantava *rap*, o mesmo acontecia com Sabotage quando Brown se aproximava.

Em um festival de *rap* na Zimbabwe, o grupo Zona Morta disputou contra o Street Dance, o primeiro grupo, que era bastante famoso e considerado um dos melhores, comemorou de forma antecipada, pois acharam que ganhariam, entretanto, aconteceu o contrário, provaram do amargor da derrota. Isto foi determinante para motivar e inspirar Sabotage e muitos outros a cantar.

Depois disso, a tentativa de nosso *rapper* de entrar no meio musical foi interrompida, pois aos 15 anos de idade ele foi acusado de roubo, o que resultou em sua ‘prisão’ nas antigas instalações da Febem de Tatuapé.

Ao sofrer uma violenta abordagem policial perdeu os dentes da frente e mais tarde passou a utilizar para este fato uma explicação diferente, que criou especialmente para seu

público infantil. Depois da fama Sabotage percebeu sua forte influência com as crianças, e quando elas lhe perguntavam o que tinha acontecido, ele respondia que passou a viver e comer música através de toca-fitas, por conta disso acabou perdendo os dentes da frente.

Aqui há um ponto interessante no que diz respeito ao porquê Sabotage quis que a perda de seus dentes não fosse vista conforme aconteceu. Sua preocupação com as mensagens que passava em suas letras é bem explícita, pois sempre deixou evidente que a melhor escolha sempre seria manter-se longe do mundo do crime, o qual ele conhecia bem. Há uma fala dele sobre essa situação, na qual reflete sobre este período de ‘exílio’:

Quando tinha uns 16 anos, eu tava na Febem do Tatuapé. Já tava bem desligado do mundo do rap e é tipo o seguinte: eu escutava um rádio, curtia um Racionais, Um Gog, um Naldinho, um Ataliba e a Firma. Me lembrava da época dos bailes e de conhecer aqueles caras. Não de trocar umas ideias, mas de conhecer porque eu cruzava com eles nos bailes e eu ficava pensando que eu poderia fazer como eles. Foi aí que surgiu a ideia... (TONI, 2013, p. 48).

Depois de sair dessa instituição correcional passou a trabalhar pesado na feira, só que o retorno em dinheiro não foi o suficiente para trazer o conforto para a sua família. Sua expectativa de melhora de vida consistia em conseguir um trabalho de *office boy*, um de seus sonhos à época, entretanto o fato de morar na favela, ser negro e com a boca desdentada dificultou sua entrada neste trabalho (TONI, 2013).

Mediante as necessidades financeiras ele decide entrar no tráfico após várias tentativas de afastar-se disso, pois seus esforços para conseguir emprego sempre resultaram em negativas, tendo a vida criminal como única alternativa para sua subsistência. Sabotage escrevia tudo que vivia, até em boletos de pagar as contas ele montava umas rimas, podemos perceber isso em um relato dele, presente em sua biografia:

Eu tava (sic) sempre ali, no meio do movimento, fazendo minhas músicas, se escondendo dos homens, fugindo da polícia, se fodendo, indo pra Febem (...) Mas eu sempre tive o intuito de que um dia eu ia viver de música. Até falei isso pra minha mãe. Eu me lembro das tantas vezes em que falei isso pra ela... Eu dizia que um dia eu iria chegar em casa com dinheiro e ia falar assim: mãe esse dinheiro eu ganhei porque eu cantei (TONI, 2013, p. 51).

Ainda, segundo Toni (2013), em 1991, quando Sabotage completou 18 anos de idade, ele participou de muitas festas, suas primeiras apresentações que fez foram no Tio Sam Club e no Asa Branca de Santo Amaro. Frequentou também o Estúdio Zap, no Santana Samba, na zona norte paulistana, lá pôde conhecer Rubia e o grupo RPW. No Gigantão da Zona Sul Sabotage teve contato com Pixote, foi apresentado por Didico ao Mano Smith e a partir disso começaram a compor juntos, vindo a se apresentar no Largo Rio Bonito, em um local cujo nome é Hi-Cool.

Neste período o *rapper* ainda estava na criminalidade e eis que um dia avista Marcelo andando pelo Brooklin, este era um morador da favela, que naquele momento trabalhava como *office boy*. Sabotage o parou e tentou lhe roubar seu tênis e a vítima, para se defender, falou que era da mesma favela que ele, que estava trabalhando e finalizou detalhando onde morava, para então ser liberado por Sabotage.

Depois de ter passado por tudo isso, Marcelo foi chamado pelo DJ Betão, membro da equipe Brothers do Som, para mostrar suas rimas no baile do salão dos Aeroviários. Após sua apresentação, Sabotage e seu grupo ainda não nomeado, interrogaram Marcelo em tom intimidador, questionando dentre outras coisas, se ele cantava *rap*. Marcelo disse que sim e afirmou ter sido convidado para estar lá, além de dizer que já havia assistido a todas as apresentações deles, esta colocação foi fundamental para fazerem uma apresentação conjunta. Depois de Marcelo ter cantado “Rap da Pesada”, o trio fez sua apresentação.

Depois desta apresentação, o grupo formado por Smith, Didico e Sabotage passou a se chamar “American Rap”, este foi o primeiro grupo em que o *rapper* compôs músicas e realizou suas apresentações. Cantaram *raps* como “Tiroteio Verbal” e “Na City”. A primeira composição exclusivamente de Sabotage foi “Rap é Compromisso”, que a princípio chamava-se “O Crime é Compromisso”.

Deda presenciou um pouco o envolvimento de Sabotage com o *rap*, mas não queria se envolver, ainda mais que este irmão do meio do *rapper* se dizia orgulhoso dele, pois naquele momento Sabotage já se tornara uma atração musical. Como Toni (2013) diz “Sabotage já se apresentava com uma ginga e cadência típica do bom malandro Bezerra da Silva”, além disso, o fato dele participar de ensaios das escolas de samba, ir a bailes *black* e as músicas que costumava ouvir foram fatores significativos na construção de seu arcabouço musical,

Em 1988 o *rapper* Ndee Naldinho, já famoso pelos *raps* que cantava, participou do lançamento da coletânea chamada “Som das Ruas”, com um clássico intitulado “Melô do Lagartixa”. Sabotage o via como um ídolo e em uma ocasião em um baile da Chic Show conversa com este *rapper*, afirmando ser um apreciador do trabalho de Naldinho e então lhe entrega uma composição. Sobre isto Toni (2013) complementa dizendo que:

Sabotage contou que havia escrito aquela letra para o Ndee Naldinho cantar. Naldinho argumentou que o seu primeiro disco solo já estava completo, prestes a sair, mas considerou acrescentar a estrofe em uma música que estava quase pronta. A música foi batizada de Nosso Rap e integrou uma das oito faixas do disco Menos Um Irmão, Chega Disso (TONI, 2013, p. 58-59).

Depois que Sabotage é remanejado da favela onde morava com sua Família, eles tiveram que procurar outro lugar para morar. Com a ajuda do pai de Dalva, seu Dorival, Sabotage conseguiu uma casa com dois cômodos na região do Grajaú e lá conheceu os irmãos Mano Luc, Mano Du e Crisloko, do grupo Versão Rap. Luc frequentava a mesma escola que Smith, porém se conheceram em um evento escolar, cujo grupo de Luc fez uma apresentação e o ex-American Rap ficou fascinado, a partir de então Sabotage entra no grupo Versão Rap com o Smith.

O grupo recém-formado se apresenta pela primeira vez na Pipers, mesmo sem ser convidados a cantar, assim fazem outras vezes, tendo que quase se humilhar para realizar algumas apresentações. Neste período Sabotage se envolve em uma confusão relacionada à sua vida no crime e se vê obrigado a sair do Grajaú. Vai embora para uma favela na região da Saúde, conhecida por Boqueirão e a partir deste momento tem contato com os *rappers* da Zona Sul de São Paulo.

É válido enfatizar que o Hip Hop como um todo cresceu nas ruas de São Paulo, seu berço foi o metrô de São Bento, de acordo com Toni (2013) Sabotage até queria participar dessas atividades que por lá ocorriam, porém, era impedido, devido seu trabalho no tráfico. Após a insistência de integrantes de grupos de *rap* da cidade que saíam à sua procura e também com o apoio de seu chefe no tráfico, Sabotage é retirado do mundo da criminalidade e é envolvido ao meio musical. Ganha como padrinho Helião, quem o chamando de “Maestro”, devido à sua facilidade em compor músicas e seu jeito amigável.

Após oito meses de preparo, de ter conquistado o apoio de Negra Li, Black Alien, Sombra, Bastardo, Cascão, Rappin Hood, Potencial 3, RZO e Chorão, do Charlie Brown Jr.; foi produzido por Tejo Damasceno, Daniel Ganjaman, Zegon e DJ Cia, na gravadora Cosa Nostra Fonográfica e teve seu primeiro disco intitulado “Rap é Compromisso”, álbum lançado no ano 2000.

Três anos depois, no dia 24 de janeiro de 2003, Sabotage é assassinado com quatro tiros à queima-roupa nas costas quando foi deixar sua esposa Dalva no trabalho. O acusado de sua morte foi Sirlei Menezes da Silva que foi julgado sete anos após o ocorrido, o motivo foi um conflito ocorrido no tempo que o *rapper* estava no tráfico.

Sabotage tentou se desvencilhar, porém, não conseguiu se desligar totalmente, seu passado criminoso acertou as contas com ele quando estava no auge de sua carreira e estava sendo reconhecido em todo Brasil, ele não conseguiu ascender socialmente e hoje sua família ainda mora no mesmo lugar.

### 3 MÚSICA E CINEMA: QUANDO O RAP NACIONAL INVADE AS TELAS

[...]O Rap é a comunidade enchendo a laje  
 É ir no cinema ver um filme e tá lá o Sabotage  
 É quando um moleque da Fundação contraria (quem diria)  
 E ganha um concurso de poesia  
 O Rap é Halls preto não é bala de Tutti Frutti  
 É um carrinho de dog que virou food truck  
 A caneta do GOG, a agulha do KL Jay  
 Os pés do Nelsão, as mãos dos Gêmeos no spray  
 Quer saber o que é Rap puro?  
 A escola ocupada pelos alunos!  
 Marighella, Mandela, Guevara, Dandara, Zumbi  
 Foram Rap antes do Rap existir[...]

(Lição de Casa - rapper Renan Inquerito com participação de Tulipa Ruiz)

“Com o cinema, a periferia vai se conscientizar que a grande estrela é a denúncia”  
 (Sabotage)

No primeiro capítulo dessa pesquisa apresentamos Sabotage e como se deu sua inserção no meio musical. De agora em diante abordaremos como se deu sua relação com o cinema.

Nosso *rapper* sempre demonstrou interesse pelas telas, isso explica o fato de uma de suas músicas, do seu único álbum lançado em vida “O Rap é Compromisso” (2000), ter como base instrumental a trilha sonora do filme do James Bond, conhecido como detetive 007, a saber o título da música é “Respeito é Pra Quem Tem”.

Utilizaremos no decorrer do texto o conceito que foi bastante utilizado por Marcel Mauss em sua obra “Ensaio Sobre a Dádiva” (2003), que é a ideia de reciprocidade, buscamos também fazer uma reflexão acerca de como Sabotage percebeu a importância das telas, não só para ele, mas também para a periferia. Esta questão de alguém da favela o ver em um filme apresenta uma espécie de retorno ao local que o acolheu desde seu nascimento.

Como ele se relaciona com o cinema? Segundo Toni (2013), ele apareceu em um clipe do RZO<sup>10</sup>, Beto Brant assistiu e percebeu que naquele *rapper* havia um talento artístico enorme e o chamou para a produção de seu filme “O Invasor”. O filme retrata a história de três amigos, Estevão, que foi encenado por George Freire; Ivan, por Marco Ricca e Gilberto, por Alexandre Borges; eles se conheceram na faculdade de Engenharia e acabaram se tornando sócios em uma empresa de construção. O primeiro era o sócio majoritário que ameaça desfazer o negócio entre eles por não concordar em manter relações com o governo através de propina, os outros dois, com medo de perder um grande negócio e também de serem dispensados da empresa, articulam

<sup>10</sup> RZO (Rapaziada da Zona Oeste) O nome é Piripac. do álbum “Uma Luz Que Nunca Irá se Apagar” (2002)

eliminar fisicamente Estevão, para isso contratam Anísio, personagem interpretado por Paulo Miklos, que é um matador de aluguel que acaba matando o sócio majoritário e sua esposa.

A situação de Ivan e Gilberto pioram quando Anísio decide aparecer com frequência no local em que trabalham, o objetivo dele era ascensão social, ele queria se envolver com aquele pessoal. É o matador de aluguel que leva o personagem encenado por Sabotage, para apresentar aos empreiteiros, mostrar como ele era talentoso na rima e que precisava de patrocínio para conseguir crescer no meio musical.

Sabotage é ele mesmo nesta ficção, as cenas em que aparece também ressaltam uma situação que ele, de fato, estava vivendo. Sua contribuição para o filme foi para além da sua atuação, mas como se deu sua relação com o cineasta Beto Brant? Antes é oportuno relatar como se deu o primeiro contato entre o *rapper* e o cineasta.

Brant, enquanto profissional, gostava de gravar vídeos de músicas, assistia muito a clipes, em um destes viu Sabotage que aparecia com os membros do RZO e gostou, o convidou para participar do processo de seleção para atuar em seu filme. Sabotage aceita e é dado a ele um roteiro, que depois de ler o *rapper* acha engraçado porque o roteiro tinha uma visão totalmente distante da realidade periférica.

Sabotage modifica parte do roteiro, fazendo observações, informando o que deveria ser mudado. Brant vê a versão do roteiro rabiscado que o músico fez e gostou, aceita as modificações e é a partir daí que Sabotage transcende em sua participação no filme, passando a trabalhar como auxiliar técnico do cineasta, de acordo com o que é falado pelo próprio Sabotage em uma Citação de Toni (2013):

Na primeira vez que vi o roteiro pensei: ‘Putá, que é isso mano! como alguém pode falar isso aqui? Que mané é esse? E eu nem sabia de quem se tratava o Beto Brant e o Marçal Aquino, que eram os dois fodões da parada. Eu mudei o roteiro dos caras de inocente que sou. Eu li o roteiro e falei mesmo: ‘Isso não tem nada a ver’ (TONI, 2013, p.137).

Vemos a importância de se ter alguém da periferia atrás das telas, porque se cria uma abertura que possibilita a quem mora na favela falar como de fato funcionam as relações lá. O fato de Sabotage ser favelado, ter passado pelo mundo do crime e ser do *rap*, foram fundamentais para sua contribuição na construção do roteiro. Marçal Aquino saliente isso, no texto de Alessandra Brum, intitulado “Da Literatura ao Filme: Elementos de Transcrição em O Invasor” (2011):

A presença de Sabotage fez toda a diferença na autenticidade buscada por Beto Brant. Marçal Aquino informou que durante o processo de escrita do roteiro as falas do Anísio já eram motivo de preocupação. Os autores do roteiro não conheciam

suficientemente o universo da periferia para criar um grau de verossimilhança ao personagem (AQUINO apud BRUM, 2011, p.10).

De acordo com Brum, a respeito do que pensa Beto Brant sobre o processo pelo qual passa o roteiro na criação de um filme:

Beto Brant gosta de dizer que o roteiro chega só até a porta do set de filmagem, a partir deste ponto ele já começa a se modificar. Em *O Invasor* há uma série de situações, cenas, mudanças de diálogos no filme que demonstram esse estado do roteiro como uma peça em transformação, que se altera na relação com a equipe de trabalho no ambiente do processo de filmagem (BRUM, 2011, p.9).

O roteiro é um texto que pode sofrer várias modificações, principalmente quando começa a produção das cenas do filme, pode mudar de acordo com o andar das coisas. No caso citado, mudou-se a percepção que se tinha acerca da criminalidade, que para os idealizadores do filme era uma e para *Sabotage* outra. O que ele vivia na periferia era totalmente diferente do descrito no roteiro inicial, de acordo com Roberto Camargos, em seu artigo “Se a História é Nossa Então Deixa que Nós Escreve”, podemos ver como os *rappers* viam essa questão:

No seu entendimento, a tarefa que assumiram como narradores de uma época era inadiável, pois alimentam a pretensão de serem as pessoas mais capacitadas para tanto. E assinalam que ‘eles [sujeitos geralmente da classe média, como jornalistas, cineastas, acadêmicos] contam nossa história de maneira equivocada’. É por isso que os grupos ligados ao rap trouxeram para o centro de sua arte temas como a experiência racista na sociedade, a valorização da juventude negra, as décadas de sofrimento ao qual o povo pobre do país foi submetido, a violência urbana e muitas outras faces da ‘brava gente brasileira’ (CAMARGOS, 2018, p.79).

O *Sabotage* acabou se tornando uma ponte entre o periférico e a elite, ao encenar a sua condição de *rapper* trouxe uma perspectiva mais próxima da realidade por ele vivida, essa realidade é retratada não só na atuação como também na construção de determinadas cenas do filme, pelo que Camargos frisa:

De fato, atribui-se aos *raps* um caráter de verdade – não no sentido das narrativas serem o reflexo do real, mas de serem opostas à ficção, à fantasia – que procura convencer o ouvinte valendo-se de estratégias de armação de enredo: a ideia de testemunha ocular, combinação de depoimentos orais inseridos na trama como citação de um documento, promoção de diálogos entre personagens, delimitação espacial e temporal, incorporação de sons do cotidiano, criação uma atmosfera/clima musical que potencializa e dramatiza o relato feito (CAMARGOS, 2018, p.81-82).

Nesse sentido, os *rappers* são detentores e conhecedores da realidade em que vivem. Ao falar sobre este tema Acauam Silvério dos Reis, citando Tiaraju D’Andrea, no prefácio do livro feito sobre o CD dos Racionais MC’s “Sobrevivendo no Inferno” (2018) traz algo importante:

O termo ‘periferia’ passaria a designar não apenas ‘pobreza e violência’ - como até então ocorria no discurso oficial e acadêmico -, mas também ‘cultura e potência’, confrontando a lógica genocida do Estado por meio da elaboração coletiva de outros modos de dizer (REIS, 2018, p. 23).

Para Sabotage o periférico tinha que contar a própria história, por isso o interesse em assistir a gravação de cada cena filmada. Sabotage queria acompanhar de perto a produção de cada cena para poder observar se aquilo que estava sendo gravado condizia com a realidade que ele viveu. O interesse dele em estar contribuindo para que cada cena estivesse fiel ao que foi observado deve-se a uma característica própria dos *rappers*, que segundo Camargos (Idem):

Não há como negar. Nas suas obras estão inscritas as transformações sociais, os arranjos urbanos, as relações das pessoas com os espaços, os sentimentos, as lutas cotidianas, a desigualdade no acesso aos serviços públicos, a opressão das normas sociais, a crítica, a adesão seletiva ou negação da ordem vigente e outras dimensões da luta pela sobrevivência (CAMARGOS 2018, p.82).

Então não só Sabotage, mas como os *rappers* de forma geral passaram a contar a história da favela de dentro, uma visão totalmente diferente da acadêmica. Suas críticas versam sobre o que vivem e até criticam como a academia vê o favelado. Isso é mostrado na letra do Criolo Doido<sup>11</sup>, intitulada “Sucrilhos” do álbum “Convoque Seu Buda” (2014):

[...]Cientista social, Casas Bahia e tragédia  
Gosta de favelado mais que Nutella  
Quanto mais ópio você vai querer?  
Uns preferem morrer ao ver o preto vencer  
É papel alumínio todo amassado  
Esquenta não mãe isso é uma cabeça de alho  
Cartola virá que eu vi[...]

Aqui o autor faz uma crítica ao cientista social, o colocando na mesma posição da Casas Bahia, que é uma loja de vendas que se interessa por quem mora na favela somente para vender sua mercadoria, já o cientista social vê o favelado somente como pesquisa. Para nenhum deles há interesse no avanço social do negro da periferia.

No filme “O Invasor” Sabotage fez questão de mostrar as situações as quais ele passou no mundo do crime e suas vivências como favelado. Segundo Suzana Reck Miranda e João Henrique T. Terezani, em “A Invasão do Cotidiano em O Invasor” (2013):

Em O Invasor, a presença do *rapper* Sabotage - como ele mesmo - é, sem dúvida, um componente emblemático da narrativa. Ele estabelece uma inevitável relação do mundo ficcional com a realidade já que, nome importante do rap paulistano, Sabotage (Mauro Mateus dos Santos, 1973-2003) figura como um exemplo da tentativa de

---

<sup>11</sup> Kleber Cavalcante Gomes, nasceu em São Paulo no dia 05 de setembro de 1975, é um cantor, compositor e ator brasileiro.

escapar da marginalização pelo viés musical do hip hop (MIRANDA & TEREZANI, 2013, p.11).

No personagem Anísio se vê a representação do real, já que foi Sabotage que ajudou a construí-lo, de acordo com o que é colocado pelo *rapper*, no livro de Toni, “Miklos mostrou como era malandro, interpretando o que havia construído até então de seu personagem Anísio. ‘Eu não conseguia parar de rir da cara dele’, debochou Sabota”. (Idem, p.137). O motivo das risadas é devido ao fato de Miklos não ter chegado nem perto do jeito como se porta alguém da malandragem. A partir disso é que o *rapper* dá ao vocalista da Banda Titãs algumas sugestões, tais como o jeito de andar, de falar e o que falar.

A contribuição de Sabotage foi tão importante na produção do filme, que ganhou o prêmio especial do júri e o prêmio da crítica. Miklos ganhou o troféu de ator revelação no Festival de Cinema em Brasília e Sabotage o prêmio de melhor trilha sonora, disputando contra Gilberto Gil e Caetano Veloso. O *rapper* ao receber a premiação olha para o público e em seu discurso afirma que estava muito feliz por recebê-lo, mas por outro lado, se sentia muito triste porque percebia a falta de *rappers* para o prestigiar no evento, dito isso, dedica sua vitória ao *rap* e diz que a molecada tinha que se conscientizar.

Daqui podemos perceber que na época o *rapper* tinha percebido a importância em tá não só em um evento como o festival, essa questão é mais profunda que isso tendo em vista que trata-se da ocupação de espaços que são predominantemente dominados por brancos da elite, Sabotage já tinha sacado que era necessário mais pessoas da periferia ali naquele meio.

Outra situação acontecida neste local deve-se ao fato dele ter assistido a um documentário cujo título é “Zagati”<sup>12</sup>, que estava concorrendo no evento, Sabotage ficou bastante fascinado, pois o documentário conta a história de um senhor que catava lixo e dedicava sua vida a importância dos livros, é aí que o *rapper* vê o resplendor do lugar que ele conseguiu ocupar, pois achou muito impactante mostrar a vida daquele senhor em uma tela.

A dupla Miklos e Sabotage fez bastante sucesso, em uma das divulgações do filme, em Recife, Sabotage ao aparecer em uma cena fora aplaudido de pé, percebemos aí a importância da representação de um periférico nas telas de cinema no Brasil.

Como forma de retribuir a Sabotage o sucesso que “O Invasor” alcançou, Beto Brant ajuda o *rapper* na produção do videoclipe da música “Um Bom Lugar”, do álbum “Rap é Compromisso” (2000). Em uma fala, citada por Toni (2013), o *rapper* diz: “Isso pra mim foi mó força. [Ele Beto Brant], o Tim Tim, os caras que trabalhavam no filme o Invasor, os caras

---

<sup>12</sup> Curta-metragem dirigido por Edu Felistoque e Nereu Cerdeira, lançado em 2006, retrata a história de um catador de papel apaixonado por cinema.

me deram mó força, chegaram trincando, representou o que muitos caras não representou (sic)” (Idem, p.143). O lugar escolhido para a produção do vídeo foi a favela do Piolho, que se tornou uma *black party*<sup>13</sup>. Naquele momento, a produção do clipe contou com a participação de muitos *rappers*, entre eles Rappin Hood e Criolo Doido, percebemos aqui algo semelhante ao *plotach*,<sup>14</sup>, de acordo com Mauss:

Compreende-se logicamente, nesse sistema de ideias, que seja preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância; pois aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e não simplesmente porque seria ilícita, mas também porque essa coisa vem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente, essa essência, esse alimento, esses bens, móveis ou imóveis, essas mulheres ou esses descendentes, esses ritos ou essas comunhões, tem poder mágico e religioso sobre nós (MAUSS, 2003, p.200).

Vê-se uma semelhança do ocorrido entre Sabotage e Brant, na medida que o cineasta se viu obrigado a retribuir o que o *rapper* fez pelo seu filme. Sabotage também retribuiu aos membros do Hip Hop, que o tiraram do tráfico e possibilitaram que ele realizasse seu sonho, que era tornar-se músico, por isso os convidou para que comparecessem na gravação de seu videoclipe e também os estimulou a participar dos filmes que encenou.

Quando Héctor Babenco estava conversando com Beto Brant sobre como estava idealizando seu próximo projeto para a produção de um filme, informou que estava pensando em produzir “Carandiru: O Filme” (1999), sua principal referência seria a obra do Médico Drauzio Varella<sup>15</sup>, atendia os detentos daquele presídio infectados com o vírus do HIV e se tornou porta-voz dos presidiários, através dos relatos por ele colhidos e que foram colocados na sua obra que literária, nela o médico procurou retratar a situação precária pela qual eles viviam.

A obra de Babenco conta a história de alguns presos e mostra como ocorreu o massacre do dia 2 de outubro de 1992, no qual foram assassinadas brutalmente pelo Estado 111 pessoas, algumas cenas do filme foram realizadas no próprio presídio antes do mesmo ser implodido, em 2002, ano em que o filme estreou.

A história começa com a chegada de Drauzio no presídio, que estava lá para tratar os presos e preveni-los sobre a importância do uso de preservativos, para isso ele realiza eventos dentro do presídio. O médico acaba se tornando ouvinte das histórias que são relatadas pelos

<sup>13</sup> Nome dado às festas de rua que ocorriam nos guetos de Nova Iorque, que aglomeravam MC’S, DJ’S, B.Boys e Grafiteiros

<sup>14</sup> É uma cerimônia muito comum praticadas por nativos da América do Norte e funciona como um sistema de troca de presentes, na qual participam pessoas de diferentes etnias e entre membros da família

<sup>15</sup> Antônio Drauzio Varella é um médico oncologista, cientista e escritor brasileiro.

presos em suas consultas diárias, acaba se envolvendo e conquistando o respeito da população carcerária.

As experiências no mundo do crime retratadas são bastante variadas, falam do envolvimento com drogas, de assassinatos, problemas familiares e também romances, como no caso do relacionamento da Lady Di, vivida por Rodrigo Santoro, com um homem chamado Sem Chance, a história de Zico, que acaba sendo preso por conta de seu envolvimento com o tráfico e de seu amigo de infância que matou aqueles que abusaram de Francineide, também amiga de infância dos dois.

É mostrado no filme o lado humano de pessoas que foram e ainda são tidas como “monstros” por cometerem determinados crimes, é destacado como essas pessoas que cometeram erros perante a sociedade foram simplesmente colocadas em um depósito humano e jogadas ao relento.

Gostaríamos de chamar a atenção para o caso de um personagem específico, o Nego Preto, nome fictício de Monarca, um preso bastante reconhecido e respeitado no Carandiru. No decorrer da pesquisa que Babenco fez sobre o presídio, o achou interessante e acabaram por descobrir que ele era parente de Sabotage, este fato é colocado em uma conversa entre Brant e Babenco.

Posteriormente, o diretor argentino é apresentado por Brant a Sabotage, é despertado o interesse para que ele participe do elenco do filme sobre o Carandiru, pois o *rapper* descreveu como era seu tio e como fora boa parte de sua vida visitando seus parentes no presídio, então ele é chamado para encenar o personagem fuinha.

Para participar do filme os atores e atrizes que foram escolhidos teriam que ler o livro do Drauzio Varela, já que era a referência teórica para o longa-metragem, segundo Toni (2013), Sabotage leu somente até a página 147, isso quer dizer que ele não chegou até a parte que dizia respeito ao seu tio, ele queria colocar o que viveu de fato naquilo que ele ia encenar, pois já conhecia o que estava escrito no livro, tanto é que as suas falas não estavam dentro do roteiro, ali está parte de algo que o nosso músico realmente viveu.

Uma outra característica a ser destacada desta obra é que muito do que ela teve de representação do real deveu-se, não somente à atuação de Sabotage, mas também ao auxílio técnico dado por ele ao diretor Babenco na construção de cenas, como por exemplo: uma em que a câmera transita entre uma cela e outra em silêncio e também nas falas dos personagens, na formação do elenco principal e secundário, participaram do filme: Mano Gui, BBS, Mikimba e Cadão. Sabotage convidou para participar do filme não só pessoas do *rap*, mas também da periferia em geral, em uma fala dele colocada por Toni (2013):

[...]Se tiver três mil pessoas no filme, eu levei mil e quinhentas'. [...]’Era incrível como as pessoas iam comigo participar das filmagens, mas não com eles. Não tem aquela formiguinha que vai lá, acha o açúcar e chama as outras? Então, é igualzinho. (TONI, 2013, p.168).

O interessante aqui é que Sabotage ao convidar o pessoal para participar do filme se referia a eles como atores, um deles é o Rappin Hood, que citado por Toni (2013) dizia: ”que negócio é este de cantor e ator? Eu não sou ator”. Sabotage em resposta disse: ”- Neguinho de periferia não sabe imitar ladrão? Você é ator porra, vambora comigo, vem ganhar dinheiro”.

Sabotage estava questionando: como não sabe encenar uma história que você vive? porque essa era a questão colocada pelo filme, mostrar a situação de presos, que em sua maioria eram pretos e moradores da favela, então para Sabotage fazer aquele filme era uma oportunidade de ser protagonista da realidade que ele conhece e já percebia que tinha propriedade para falar e que pessoas que viviam isso também tinham essa propriedade. Para falar sobre periferia, o periférico não precisaria de nenhum livro ou roteiro como referência, bastava sua própria vivência.

E é graças a essa ideia de como o *rapper* tinha de imaginar como deveria ser contado o filme, que contribuiu na construção de determinadas cenas, por exemplo: uma em que a câmera percorre vagamente pelas celas mostrando claridade e escuridão no silêncio; na composição do cenário e como determinados atores deveriam se portar diante de cenas que abordavam a violência.

Teve uma participação bastante ativa nos dois filmes em que atuou, escolheu pessoas da periferia para encenarem e também contribuiu para a produção das cenas. Ao trazer os periféricos para atuarem com ele, se vê a tentativa dele de envolvê-los no espaço que estava ocupando. Na realidade ele queria promover eventos culturais para a periferia, por isso que algumas cenas de “O Invasor” foram gravadas lá, percebemos que no sistema de relações que Sabotage se envolveu funcionou a ideia do dar e do receber. Ele foi salvo pelo pessoal do Hip Hop, em consequência ele participa de filmes e insere aqueles que o ajudaram nestes meios e consequentemente aqueles que se beneficiaram com a participação do *rapper* no filme mostraram a gratidão que sentiram ajudando a produzir o videoclipe da música de seu álbum.

#### 4 ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “SABOTAGE: O MAESTRO DO CANÃO”

A partir de uma perspectiva que enxerga o cinema como base para a produção de conhecimento é feita a análise desse documentário que é entendido como um objeto construído a base de um conhecimento teórico e prático que ajuda no posicionamento político-ideológico do cineasta. Foi pensado e construído socialmente, sendo, portanto, objeto de interpretação principalmente pelo fato de armazenar conhecimento e memórias. A metodologia utilizada nessa análise se baseia na análise do discurso, sobre isso Manuela Penafria (1994) citando outros autores no texto “Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)”, ratifica que:

Embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (PENAFRIA, 1994, p.1).

Sobre o título, há um jogo de palavras no uso de “Maestro do Canão”, que faz menção ao cantor e ao local onde ele viveu, o que torna Sabotage um representante negro em seu local de origem. A imagem do cartaz do documentário em que Sabotage é colocado de braços abertos de frente para a favela remete a como ele é visto em sua comunidade, como uma espécie de messias, um salvador. Os braços abertos lembram o ritual de crucificação a qual Jesus Cristo, o líder do cristianismo, sofreu injustamente. Essa associação entre ele e Jesus é trazida pelo próprio cantor na música “Canão Foi Tão Bom”:

Brooklyn, o que será de ti? Regar a paz, eu vim/  
 Jesus já foi assim, brigas traz intrigas, ai de mim/  
 Se não tolin, Zé povim quer meu fim/  
 Se esperar, apodrece, se decompõe em si/  
 A gente faz, corre atrás, pede a paz, eles esquecem/  
 Sempre assim, crocodilo hoje só rasteja em solo fértil.

Esta produção foi feita 12 anos após a morte do *rapper* Sabotage e produzido pelo cineasta Dennis Feijão, em parceria com Ivan Vale Ferreira (13p). Em uma entrevista dada ao blogueiro Ariel Fagundes, no site Noisey Music By Vice, Feijão revela que ao realizar a produção do documentário “Favela no Ar”, no ano de 2007, percebeu que o *rapper* Sabotage era uma pessoa que tinha um diferencial e sua explosiva carreira chamava a atenção.

O documentário conta com vinte e oito (28) entrevistados e entrevistadas, sendo estes/estas atores/atrizes, diretores, músicos, familiares, amigos e amigas, isto é, pessoas que tiveram contato pessoal e profissional com o *rapper*. E faz um mapeamento da situação do Hip

Hop à época e adquire papel de registro audiovisual da memória construída sobre Sabotage. Camargos (2018) comenta sobre as memórias que ficam de Sabotage:

Em se tratando de Sabotage, o que se quer perpetuar não é o Mauro que viveu em uma favela da zona sul de São Paulo e se meteu com expedientes condenáveis, mas o papel positivo cumprido por aquele que ‘iluminou mentes confusas/ em várias partes da cidade/ só cultivava os amigos/ aos milhões, sem falsidade (CAMARGOS, 2018, p. 87).

Nesse documentário as opiniões discorreram sobre quem ele era, o que representava e qual impacto suas participações no cinema e na música causaram e as falas obtidas sobre o *rapper* vêm de cineastas, *rappers*, roqueiros, atores, familiares, jornalistas e amigos. É importante esse registro utilizando um recurso audiovisual, pois por intermédio dessa mídia a memória é documentada a partir dessas variadas perspectivas, servindo como fonte rica para análise daquilo que poderia ser apagado e/ou esquecido no decorrer da história. Sobre isso, Novaes (2009) em “A Harmonia e a Tensão: as relações entre Antropologia e imagem” acrescenta dizendo que:

O aspecto mágico do cinema e a fragmentação visual própria de sua linguagem indicam que o processo de registro da realidade implica um recorte a construção. Desta forma, o cinema perde o aspecto ingênuo, enquanto um meio que apresenta um mundo exterior e passa a ser percebido como uma representação que articula o real e o imaginário. A questão fundamental não se concentra unicamente na realidade registrada, mas no discurso construído sobre uma realidade (NOVAES, 2009, p. 20).

A hiperatividade de Sabotage fez com que ele fosse um homem multifacetado, conseguindo fazer muitas coisas simultaneamente como compor músicas, contracenar em filmes e ser bastante premiado<sup>16</sup>, contudo sua carreira frutífera dura pouco tempo, findando com o infeliz acontecimento que ceifa sua vida. Sua simplicidade no modo como tratava as pessoas, era conhecido com uma pessoa bastante afetiva e desejo de melhorias para si e sua família através da música. Agiu de forma sábia ao transformar a miséria em arte e extrair poesia do caos.

É destacado como Sabotage foi “resgatado”, pelos membros do Hip Hop da vida do crime, como teve contato com o cinema e sempre aparecia na mídia dando entrevistas falando o que observava ao seu redor. É retratado também qual o impacto que Sabotage causou na vida

---

<sup>16</sup> Em 2002 ele ganhou o prêmio de cantor revelação, ainda no mesmo ano foi considerado a personalidade do ano, em 2009 ganhou o prêmio que o colocou como a maior revelação da década e neste mesmo ano foi considerado o maior artista solo da década, todas estas premiações foram conseguidas no prêmio Hutúz, principal premiação do Movimento Hip Hop brasileiro. Com a trilha sonora do filme “O Invasor” (2003) produzida por Sabotage e Paulo Miklos, juntos ganharam o prêmio de melhor trilha sonora do festival de Brasília.

das pessoas com quem teve contato deixando saudades após sua morte, tanto por causa de seu talento, como pelo fato dele significar muito, não só para o *rap*, mas para a música brasileira.

Sabotage além de ter uma substancial importância para o movimento Hip Hop nacional e também para outros estilos musicais, possuía um lado carismático que o tornava querido por todos. Nas entrevistas contidas no longa, todos falam sobre sua experiência com o *rapper*, destacando sua importância para o meio artístico. Roberto Midlej no site “Correio 24 horas”<sup>17</sup> comenta sobre a escolha das partes escolhidas para a edição final do documentário:

Com 28 entrevistados, o filme se concentra quase exclusivamente na vida de Sabotage como artista e pouco fala da sua vida pessoal. O surpreendente assassinato dele, com quatro tiros, em 24 de janeiro de 2003, quase não é abordado no filme, da mesma maneira que sua ligação com o tráfico de drogas antes de entrar para a música, que é apenas citada em rápidas passagens (MIDLEJ, 2015).

As ideias do diretor são claras ao decidir não apresentar o outro lado da vida do cantor, que foi sua ligação com o crime e com o tráfico de drogas, se delimitando a entrada de Sabotage no ramo musical e cinematográfico. Uma das complicações que Ivan 13p sentiu ao começar a produzir o longa foi a falta de registros relacionados à vida pessoal do *rapper*, o material que colheu inicialmente ficou restrito à sua primeira produção, levando Ivan a fazer uma pesquisa mais aprofundada. Fitas VHS foram suas principais fontes de informação. Fagundes (2017) apresenta uma fala do diretor que mostra o desafio na produção do documentário:

Eu não queria que o meu trabalho fosse influenciado pelo documentário que fizeram anteriormente do Sabotage, o *Nós*, da MTV, que tem até imagens feitas por mim no *Favela no Ar*, então decidi não assistir e seguir o meu próprio caminho. Mas a premissa do *Maestro do Canção* foi o de usar apenas material inédito, coisas que ninguém nunca viu sobre o Sabotage. Conseguimos, por exemplo, fitas dele que nunca foram reveladas ao público, imagens dos ensaios do filme *Carandiru* e dos primeiros shows do Sabotage. Outro importante diferencial é que investimos bastante na ideia de trazer pessoas de fora do mundo do hip-hop para falar. São mais de 30 depoimentos de gente como o Paulo Miklos, do Titãs, o Hector Babenco [diretor do longa *Carandiru*], o ator Ailton Graça e até a Doroteia, que é a moça que trançava o cabelo do Sabotage. Quem já conhece o Sabotage vai descobrir coisas novas sobre ele, e quem não conhece vai ver o quanto ele era um cara talentoso (FAGUNDES, 2017).

Um dos motivos que o levou a estudá-lo foi a falta de textos acadêmicos, como Midlej (2015) pontua:

Segundo Ivan 13P, esse foi um recorte intencional, já que ele preferiu homenagear o artista e o legado que Sabotage deixou ao Hip Hop: “Essa escolha não sofreu nenhuma interferência da família do ‘Sabotage’. Eu apenas não queria entrar em polêmica, até porque ninguém sabe exatamente qual a verdade sobre o assassinato. E o filme não é investigativo, não tem a pretensão de desvendar o assassinato dele” (MIDLEJ, 2015).

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/documentario-conta-trajetoria-do-sabrapperotage-morto-a-tiros-aos-29-anos/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Assim, é construída a imagem de um sujeito periférico em meio a toda uma situação de miséria que vivia causada pelo Estado. Este longa-metragem reflete parte da vida de Mauro, tratando-se de uma representação do que aconteceu em alguns momentos de sua vida, e toma uma posição e a partir dela faz o delineamento da proposta do projeto até a conclusão. Na obra é relatado somente um lado da vida de Sabotage, a do seu envolvimento no meio artístico, já no documentário “Nós”<sup>18</sup> é exibido o cotidiano do *rapper* na favela em que morou boa parte de sua vida. Camargo (2018) traz essa percepção quando diz que:

Em função disso, caem numa região de sombra aspectos da vida de Mauro que, quando morto, só são recuperados para (e se cumprirem o papel de) reafirmar a história de superação do personagem Sabotage, em sua luta para dar a volta por cima em uma vida dura que prometia condená-lo à invisibilidade pública. É o que se verifica quanto ao seu envolvimento com o mundo do crime e com o tráfico de drogas (CAMARGOS, 2018, p. 87).

Sabotage foi um cronista periférico que inspirou e influenciou muitos outros com suas mensagens que denunciavam a chegada das drogas na periferia e a falta de assistência social básica a qual eram submetidos.

#### 4.1 – O dito e o não dito em Sabotage: Maestro do Canção

---

<sup>18</sup> Documentário produzido pela Guarda-Chuva Produções e MTV Brasil, dirigido por Guilherme Xavier Ribeiro e lançado em 2003.

Figura 1 – Capa do documentário



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015).

Começando a pensar o documentário a partir da imagem de abertura, conforme consta na Figura 1, nela há Sabotage de braços abertos e de frente para a favela por ele tão amada, e ele se encontra em uma posição semelhante a de Cristo, o que lembra a capa do álbum (Ver Figura 2) do cantor pernambucano Bezerra da Silva “Eu Não Sou Santo” (1990), em que o sambista se encontra de braços abertos também, mas em uma cruz com armas na mão e a cintura cheia de munição e está de costas para a favela.

Figura 2 - Capa do álbum “Eu Não Sou Santo” (1990)



Fonte: Capa do álbum “Eu Não Sou Santo” – Bezerra da Silva (1990).

As duas imagens representam versões de “Cristos da marginalidade”, “Cristos Marginais”. O primeiro em uma posição mais pacífica, estando sem armas e o segundo fortemente armado, ambos estão, portanto, em posição de representantes das pessoas que são oprimidas diariamente nas favelas.

Quando Sabotage fala sobre a pobreza no documentário, ele sempre está sozinho, corroborando com a ideia de que sua condição social era encarada por ele como algo que o isolava e que o fazia carregar uma forte dor ao refletir sobre a injusta realidade que vivia. Entretanto, na sua vida tinha medo da solidão e para que não fosse dominado por ela encontrava refúgio no convívio social, muitas vezes optando por ficar próximo às crianças, (Ver Figura 3) pois eram suas fiéis seguidoras que o admiravam, assim como os apóstolos a Cristo.

Figura 3 - Sabotage cercado de crianças



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Observando agora uma fala de Maria Dalva, mulher branca e esposa de Sabotage (Ver Figura 4) que diz observar a admiração dele por sua mãe e uma profunda revolta com seu pai, pelo fato dele ter abandonado a família, com sua mãe ainda grávida. Dalva fala que é nesse período de gestação que a mulher se encontra mais vulnerável e que precisa do máximo de apoio possível. Dalva salienta que o rapper sempre teve que se virar desde pequeno para ajudar na renda da família, principalmente quando sua sogra ficou impossibilitada de trabalhar e depois veio a óbito.

Figura 4 - Maria Dalva - esposa do Sabotage



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canão” (2015)

Tamires dos Santos, mulher negra, filha de Sabotage, (Ver Figura 5) fala sobre seu avô, que era pouco presente na vida do pai, destaca que o avô sempre viveu de forma andarilha e aparecia em sua casa de vez em quando, se fazendo presente somente em alguns momentos e depois sumia.

Figura 5 – Tamires – Filha de Sabotage



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canão” (2015)

Wanderson dos Santos, mais conhecido por Sabotinha<sup>19</sup>, homem negro, filho de Sabotage, (Ver Figura 6) relata que antes de entrar no tráfico seu pai trabalhava na feira com o ator Ailton Graça. Segundo Sabotinha, o seu pai passava o dia todo ouvindo música e escrevendo, isso quer dizer que sua principal referência era a música e a realidade que vivia.

Figura 6 – Wanderson – Filho de Sabotage



Fonte: Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Nas falas dos filhos do *rapper*, não se aborda a questão do envolvimento do pai no tráfico. No período em que nasceram Sabotage estava inserido fortemente no mundo do crime, então tanto o Sabotinha como a Tamires optaram por destacar o lado afetivo do *rapper*.

Dorotéia Souza, que é designer de trança (Ver figura 7) destaca que Sabotage era uma pessoa muito religiosa, era candomblecista de Oxóssi e devoto de Zé Pelintra. Quando Sabotage viu o Luís Melodia (que também era devoto desta entidade) em um show vestido em um terno branco, ele se viu naquele lugar e com aquela vestimenta (TONI, 2013). Por esta razão e devido também a admiração musical que Sabotage tinha por Luís Melodia, ele se vestiu de terno branco em algumas de suas apresentações.

<sup>19</sup> Apelido dado pelo próprio Sabotage.

Figura 7 – Dorotéia – transcista e amiga de Sabotage



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Sobre este assunto relacionado a estética, Thaide (Ver Figura .8) destaca que Sabotage fez coisas totalmente opostas ao que os outros *rappers* fizeram, como por exemplo andar de sorriso aberto, se juntar com os brancos que não tem nada a ver com a favela e que ele também foi o único *rapper* a assumir que ouvia Sandy e Junior<sup>20</sup>.

Figura 8 – Thaide – *Rapper*



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015).

<sup>20</sup> Dupla composta pelos irmãos Sandy Leah Lima e Junior Lima, que fez sucesso entre adolescentes na década de 90.

Construiu-se um estereótipo de como o *rapper* deveria se portar, se vestir e falar, isso implica na ideia de que eles deveriam sempre andar de cara fechada, com o boné de aba reta e vestindo bermuda e cordões etc. Sabotage era o oposto disso, andava sempre com sorriso no rosto, falava explicitamente sobre quão eclético era seu gosto musical.

Rappin Hood (Ver Figura 9) destaca como era difícil um *rapper* aparecer na televisão na década de 1990, dá ênfase no grande carisma de Sabotage e fala de como foi importante a interação que ele fez com outros meios midiáticos.

Figura 9 – Rappin Hood - Rapper



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Mano Brown, o líder dos Racionais MC’s, (Ver figura .10) fala de um momento que estava com Sabotage e que conversaram sobre a questão de estar sempre na mídia. Acreditava-se na época, por boa parte dos *rappers*, inclusive o próprio Mano Brown, que aparecer em redes televisivas era estar se corrompendo. Sabotage, em resposta, diz que o povo da periferia tinha que saber o que o pessoal da elite estava fazendo e ganhar bastante dinheiro, pois acreditava que tinha que estar naquele meio.

Figura 10 – Mano Brown - Vocalista do grupo Racionais MC's



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Houve um processo de marginalização dado aos *rappers* em espaços midiáticos, através do argumento de que o *rap* era apenas uma cópia do que aconteceu nos Estados Unidos e deste modo era descaracterizado sua legitimidade.

Esta é uma posição que é própria dos Racionais MC's e não da maioria dos *rappers*, no Rio de Janeiro há o MV Bill<sup>21</sup>, que aparecia com certa frequência no programa do Faustão e atuou na minissérie “Malhação” (2010), como um professor negro em uma escola. Com este personagem o *rapper* pôde discutir a importância da educação e trouxe o protagonismo negro sem reproduzir estereótipos racistas.

Sabotage, de acordo com o que foi colocado por Mano Brown, pensava em se inserir neste meio midiático, tirando o monopólio branco e conquistando espaços hegemonicamente ocupados por brancos ricos, ganhando assim um caráter de representatividade, possibilitando a população negra e periférica que se veja cada vez mais representada, tanto no cinema como em horários comerciais através de entrevistas e participações em programas de televisão.

Sandrão, membro do grupo RZO, (Ver figura 11) fala da situação precária em que o *rapper* vivia, de como Sabotage era talentoso e destaca que devido sua cor de pele era chamado carinhosamente de “Neguinho”. Já Mano Brown sobre Sabotage, afirma: “- Ele era um preto mesmo! Tem os pretos e os preto mesmo, né mano? - O bicho era preto memo, cê entendeu tio? - Essa é a fita”. Esta fala não só afirma a identidade étnico-racial de Sabotage, como faz questão de pô-la em destaque.

<sup>21</sup> Nome artístico de Alex Pereira Barbosa.

Figura 11 – Sandrão, membro do grupo RZO



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Mano Brown continua dizendo que Sabotage conseguiu, em um curto prazo de tempo, alcançar um sucesso enorme, destaca também que poderíamos tê-lo perdido antes devido os constantes assassinatos que aconteciam nas periferias e que Sabotage poderia ter morrido mais cedo, pois “lá o bagulho é muito louco”, pois a violência ocorre ininterruptamente.

Ao tratar disto, Brown está falando da violência sofrida pela população negra em São Paulo, que ocorre diariamente e aumenta cada vez mais, de acordo com o site Agência do Brasil em um texto escrito por Kleber Sampaio que mostra uma pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) intitulada “Atlas da Violência: Assassinatos de Negros Crescem 11,5% em 10 anos<sup>22</sup>”:

No Brasil, os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5% em uma década, de acordo com o Atlas da Violência 2020, divulgado hoje (27), em São Paulo, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Ao mesmo tempo, entre 2008 e 2018, período avaliado, a taxa entre não negros (brancos, amarelos e indígenas) fez o caminho inverso, apresentando queda de 12,9% (SAMPAIO, 2018).

Helião, *rapper* negro e membro do grupo RZO, (Ver figura 12) fala sobre o Sabotage ter saído da vida do crime, da força de vontade que ele tinha de sair da criminalidade e conseguir algo melhor através da música. Ressalta também o fato de Sabotage participar de filmes, pois, segundo Helião, os *rappers* nos EUA são multiartistas, pois compõem músicas, cantam e atuam

<sup>22</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos> Acesso em 10 agosto de 2020.

em filmes e os *rappers* no Brasil deveriam fazer o mesmo. Ao fazer esta constatação, entendemos que este *rapper* está fazendo uma provocação ao movimento, ao destacar que os *rappers* tem que seguir por esta linhagem artística também, a de se multi-instrumentalizar e conquistar novos espaços.

Figura 12 – Helião - Membro do grupo RZO



Fonte: Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Hoje já há alguns nomes de *rappers* brasileiros, além de Sabotage, que participaram de filmes, tais como: Criolo, que atuou em “Tudo que Aprendemos Juntos” (2015) e Juízo (2019); Dexter, que fez um vilão na série “Pico da Neblina” (2019), Rappin Hood interpretando em “Carandiru: o Filme” (2003) e Sandrão, encenando em “O Invasor” (2001).

No Brasil a relação entre *rappers* e o cinema ainda é distante e que os avanços ainda estão a passos lentos, contudo já se consegue encontrar nomes de pessoas relacionados tanto ao *rap* como as telas, nas redes televisivas como: Emicida, Djonga, Baco Exu do Blues, Drik Barbosa, Karol Conká, entre outros.

O produtor Rodrigo Brandão<sup>23</sup> (Ver figura 13) afirmou que ao ver Sabotage nos filmes se sentiu altamente representado, o fato de ser alguém da periferia encenando um periférico e não alguém se passando por um, foi fenomenal. Este produtor também destaca que o *rapper* era muito afetivo e que tratava as pessoas com bastante simplicidade, afirma que sua poesia era importante pelo fato de mostrar para o pessoal que não vive na periferia a realidade de lá.

<sup>23</sup> Vulgo P-Funk, foi apresentador do Yo! O programa ganhou bastante notoriedade por revelar *rappers* e entrevistá-los.

Destaca também que Sabotage foi um grande compositor e um dos maiores símbolos de música negra que o Brasil teve, resalta a importância da mãe para o *rapper*, sobre como ele a venerava e como a sua ausência na sua família o deixou mal.

Figura 13 – Rodrigo Brandão - Jornalista



Fonte: Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Na América do Norte há um *rapper* com uma história semelhante com o percurso de Sabotage, o nome dele é Will Smith. Em sua primeira participação na TV na minissérie *The Fresh Prince of Bel-air* (Um Maluco no Pedacço) ele pôde atuar representando ele mesmo, além disso participou de vários filmes e hoje possui um cachê que consegue arcar com a produção de um longa-metragem, segundo o site notsul<sup>24</sup> ele recebe US\$ 80 milhões ao ano. Era isso que Sabotage também visava, a possibilidade de conseguir dinheiro através do cinema, ele entendia que aquele era o espaço para o periférico e que ele poderia lucrar através dos filmes.

O DJ Daniel Ganjaman<sup>25</sup>(ver figura 14) homem branco, defende a posição de que o *rap* nos Estados Unidos só falava besteira e que no Brasil teve o Sabotage com músicas cheias de conteúdo e que buscava novos horizontes. O DJ fala que “Sabotage colava com todo mundo, bastava ele gostar do som”. Isto quer dizer que para a arte do *rapper* não existia fronteiras, queria ocupar o máximo de espaços possíveis.

<sup>24</sup> Ver: <https://notisul.com.br/geral/will-smith-recebe-cache-de-us-80-milhoes-por-ano/> Acessado no dia 19/11/2020.

<sup>25</sup> Daniel Sanches Takara, mais conhecido como Daniel Ganjaman, é um produtor musical, engenheiro de áudio e músico brasileiro. Fonte: Wikipédia.

Figura 14 - Daniel Ganjaman



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Sabotage afirma no documentário que se fosse para falar apenas sobre desigualdade o tempo dele não daria, então por isso que ele buscava estar junto de pessoas que também falam de outras coisas. Ele não queria somente falar da criminalidade, queria diversificar sua arte tendo a liberdade de pensar em outras coisas de acordo com o fluxo natural dos acontecimentos.

C. Toni, homem negro, (Ver figura 15) bastante utilizado nesta pesquisa, também aparece no documentário e fala que Sabotage transformou toda essa tragédia social em arte, ele observava tudo ao seu redor e destacava isso em suas letras.

Figura 15 – C. Toni



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015).

Ao analisar as letras de Sabotage percebe-se que ele falava da violência de forma bastante conciliadora, não era como Os Racionais retratam o cotidiano de forma conflitante e em tom ameaçador, sendo que este grupo canta sobre essa criminalidade mas não a viveu, já o *rapper* do Canção, sim.

Tejo Damasceno<sup>26</sup> (Ver figura 16) fala que o fato de Sabotage ouvir outros estilos musicais acabou influenciando os fãs a conhecerem músicas de outras artistas que não fossem exclusivamente do *rap*, por exemplo: cantores de MPB, rock, funk e soul, a saber: Chico Buarque, Caetano Veloso, Pixinguinha, Iron Maiden, Metallica, entre outros. Ele não só ouvia, mas se via nas histórias que as músicas contavam, a letra de “Meu Guri” do Álbum “Almanaque” (1981) de Chico Buarque exemplifica bastante isso, pois de acordo com Rica Amabis<sup>27</sup> Sabotage via sua história contada naquela música.

---

<sup>26</sup> Produtor musical.

<sup>27</sup> Produtor musical

Figura 16 – Tejo Damasceno



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

A influência para ouvir estes estilos musicais deve-se ao fato de pessoas o seguirem com bastante fidelidade. Segundo ele, essa admiração era perceptível pelo fato de pessoas quebrarem seus dentes da frente para ficar banguela como ele.

João Gordo<sup>28</sup>, (Ver figura 17) traz a percepção de que o fato de Sabotage ter restaurado os dentes posteriormente seria um sinal de que ele estava começando a se organizar financeiramente. Também descreve Sabotage como alguém que veio para “tocar o terror, deixar sua marca e ir embora”, isso mostra uma visão profética que traz uma crença de que o *rapper* veio realizar uma missão na terra para então partir. O que faz lembrar novamente a capa do documentário.

---

<sup>28</sup> João Francisco Benedan, vulgo João Gordo, é um músico e membro da banda Ratos de Porão, também foi repórter da antiga MTV e da TV Record.

Figura 17 – João Gordo



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Sabotage é comparado ao militante de esquerda Che Guevara pelo jornalista Rodrigo de Maio, que afirmava: “- Assim como Che foi importante para a esquerda política, para o *rap* foi importante o Sabotage”, esta frase destaca que o *rapper* pode ser visto como um líder na periferia, através do modo como ele conquistava as pessoas. Este jornalista faz o seguinte questionamento: “Como que um cara do crime pôde ser tão carismático?”, porque neste meio não há motivos para andar sorrindo para todo mundo.

No documentário é destacado o visual que Sabotage passou a assumir depois de ter se apegado ao pessoal do RZO, que tinham um determinado estilo, como no modo de falar, de se vestir e também de arrumar o cabelo. Sabotage ficou tão reconhecido pelo modo de se vestir, que segundo o jornalista, ao ver o personagem que ele encenou no filme de Babenco, o Fuinha, não se consegue imaginar um preso com a vestimenta de um jogador de basquete e com o cabelo espetado para cima, isso quer dizer que mesmo carregando outro nome no filme Sabotage foi ele mesmo e não um personagem construído.

Hector Babenco (Ver figura 18) afirmou que Sabotage estava sempre em movimento, não conseguia ficar parado, estava sempre causando agitação. Este diretor fala que o *rapper* do Canção era muito ligado às crianças, é mostrado no documentário que elas eram os principais alvos das músicas dele, por isso há várias cenas que mostram ele cercado por crianças ou com alguma no colo. A preocupação de Sabotage em relação a elas deve-se ao fato de preocupar-se sobre o fato de como elas se construíram socialmente no futuro.

Figura 18 – Hector Babenco



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Babenco destaca a posição de que o Sabotage, como artista, estava sempre carente, por isso ele estava em movimento, para não poder ficar só. Por fim, afirma que o sentimento que ele carregava quando falava sobre algo o encantou e através disso procurou encaixá-lo no filme.

A sua carência deve-se ao fato dele viver em uma metrópole que tem aproximadamente 10 milhões de habitantes, devido ao fluxo enorme de pessoas e por conta do cotidiano corrido quase não há comunicação entre elas, ou seja, não há intimidade. Já o que justifica o fato dele sempre estar em movimento é sua vivência no tráfego, que era bastante turbulenta e tensa.

Ailton Graça<sup>29</sup>, ator negro e sambista (Ver figura 1.19) conta que trabalhou com Sabotage na feira, o ator importava produtos do Paraguai para vender e o *rapper* vendia bolachas. Sabotage andava por todas as barracas, sempre compondo letras e mostrando para as pessoas, já pensando em ser um músico famoso e ganhar dinheiro com o que produzia.

---

<sup>29</sup> Ator, cenógrafo, bailarino e palhaço.

Figura 19 – Ailton Graça



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canã” (2015)

Ailton Graça traz a percepção de que, da mesma maneira que nos EUA se fala em Tupac, aqui no Brasil se fala de Sabotage, isso quer dizer que Sabotage era, e ainda é, importante para o Brasil como foi, e ainda é, Tupac para os norte-americanos, afirma mais: “- Ele é uma mistura de Tupac com Snoop Dog, esse é o Sabotage”. No fim desta fala uma música do Sabotage, que tem como base instrumental uma batida de um *rap* de Tupac, começa a tocar.

O ator faz esta comparação com os dois *rappers* dos EUA pelo fato de Sabotage mesclar em suas músicas a base instrumental de ambos. Ailton afirmou que Sabotage conseguia dialogar tanto com os excluídos da sociedade, como com a elite, ele só tinha visto aquele feito com o Thaide, um *rapper* que ocupa muito os espaços midiáticos.

Os dois nomes citados são grandes referências mundiais do Hip Hop, o ator ao fazer tal associação diz que assim como eles são importantes para os negros norte-americanos, Sabotage é importante para a música brasileira. Além disso é mostrado também como essas pessoas eram influentes nas suas composições musicais.

Graça continua dizendo que Sabotage foi uma pessoa importante para todo mundo do elenco, pelo fato dele ter informado como as pessoas se comunicavam no mundo prisional e o que por lá prevalecia era a lei do silêncio.

Paulo Miklos (Ver figura 20) relata que para conhecer o que é o *rap* nacional tem que se conhecer as músicas de Sabotage. Ele o define como: “O cara mais esperto, da poesia mais cortante, o mais importante que se pode encontrar”. Miklos revela que nas filmagens de “O Invasor”, Sabotage sempre dava umas dicas sobre a linguagem periférica. Perguntavam a ele sobre como seria dita determinada palavra na periferia e Sabotage respondia com uma

infinidade de opções. Miklos ressalta que a cena mais emblemática do filme é a entrada do *rapper* na empreiteira, em que ele começa a cantar e seu personagem, Anísio, pede para os empresários ali presentes investirem em sua carreira artística.

Figura 20 – Paulo Miklos



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Nessa fala do cantor dos Titãs há um “endeusamento” dado ao *rapper*, certamente por não conhecer o mundo do *rap*, apenas saber da existência de determinados grupos. A relação entre Miklos e Sabotage rendeu tanto a ponto de fazerem uma apresentação junto na Rede Globo de Televisão. Sabotage ao entrar no palco do programa do Serginho Groisman, chamado “Altas Horas”, demorou pouco tempo para se sentir à vontade cantando, os dois dominaram a plateia cantando a música “Um Bom Lugar”.

Beto Brant (Ver Figura 21) diz que Sabotage sempre aparecia nas filmagens, principalmente nas primeiras cenas, que foram gravadas com Paulo Miklos, enquanto as cenas do filme eram produzidas, Sabotage não parava de compor, o cineasta diz que quando terminaram o filme, Sabotage já tinha feito várias músicas.

Figura 21 – Beto Brant



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

O *rapper* se via como um artista sem fronteiras para a sua arte e Brant estava à procura de um lugar para gravar, entretanto considerava a periferia um lugar perigoso. Sabotage fala que não via isso, disse para o cineasta que ele o levaria aos lugares para filmar as cenas do filme.

Sergio Penna<sup>30</sup> (Ver figura 22) atesta que Sabotage entendia muito da alma humana, de questões sociais e acima de tudo do ser humano, que o considerava um “artista de ponta”. No documentário, Sérgio observa Sabotage dando algumas dicas a Caio Blat, e isto relembra o que foi colocado por Penafria ao citar Ricciotto Canudo, podemos entender o que fora colocado pelo preparador de elenco a partir desta concepção de cinema:

[...] Discute o cinema como a Arte da vida, o cinema como a expressão visual e imediata de todos os sentidos humanos e capaz de emocionar a todos por se tratar de uma linguagem universal capaz de colocar em tela quer o mundo exterior, quer o mundo interior (Canudo, 1877: p. 4 apud Penafria 2009, p. 32).

Sabotage para Penna, representava a ideia do que ele entendia ser uma obra cinematográfica, pois na concepção dele, Sabotage cativava bastante as pessoas pelo seu modo de ser e ele falava uma linguagem em que a maioria das pessoas podiam entender e ele conseguia transmitir e comunicar o que passava em sua vida nas telas, de um modo que emocionava.

<sup>30</sup> Preparador de atores e atrizes para cinema e televisão.

Figura 22 – Sergio Penna



**Fonte:** Documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015)

Sabotage tinha consciência de que quem abastecia a fonte de renda na periferia era o tráfico, ele observava nas crianças porque sabia que elas possuem desejos e que observam tudo ao seu redor, principalmente quando veem os carros passando pelas ruas e querem ter um. Sempre se preocupou em fazer uma discussão social ao falar dos marginalizados e não sobre o racismo, esta forma de pensar influenciou bastante a sua relação para com os brancos, que sempre o receberam bem.

Sabotage mostrava para a câmera, com bastante felicidade, os seus dentes restaurados, dizia que antes as crianças estavam querendo imitá-lo quebrando os dentes também, ele tinha a consciência de que era um espelho dentro da favela.

Ao denunciar a exclusão do *rap* da música nacional, ratifica que mesmo tendo conseguido chegar onde chegou entendia que ainda não estava bom o suficiente, pois a maioria dos *rappers* ainda passavam inúmeras dificuldades, não conseguindo dinheiro e nem tempo para conseguir seguir carreira artística, pelo fato de ter que fazer outras coisas para subsistência.

Nem todas as pessoas que estão inseridas no universo do Hip Hop tem condições financeiras de montar sua carreira dentro do *rap* pelo fato de ter que conciliar vários afazeres, o principal é o trabalho. O fato de o *rap* ser um estilo musical marginalizado fez com que as pessoas tivessem dificuldades, principalmente financeiras, para seguir carreira artística.

O cinema foi algo novo para ele, que lhe influenciou muito e abriu várias portas, frisa a importância de construir uma representatividade da periferia nas telas como meio de

conscientização, pois entende que o periférico é considerado uma minoria desprezada. Entretanto, para ele os periféricos são a maioria e que dentro da periferia todo mundo é um só, tanto faz ser homem ou mulher, destacando a questão de gênero e não a questão racial. Cita o filme “Lúcio Flavio, o Passageiro da Agonia (1978)” e diz que muito do que é mostrado nele é o que está na periferia, temos aqui uma associação da ficção com a realidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, neste trabalho foi apresentada brevemente a vida de Mauro Mateus dos Santos, o Sabotage, como se deu sua inserção na vida criminal e também sua entrada no mundo do Hip Hop, o “resgate” que foi feito pelos membros do Hip Hop que o ajudaram a inseri-lo no cenário musical.

Demorou pouco para que Sabotage se tornasse reconhecido, se envolvesse com o pessoal do cinema e percebesse a importância desta conquista incentivando a muitos outros periféricos a ficarem motivados a estarem meio. Os filmes que participou ganhou várias premiações e Sabotage tornou-se famoso nacionalmente graças ao seu envolvimento com o cinema.

Este trabalho buscou falar a respeito das intenções para a produção do documentário, que era a de homenagear o Sabotage e nas falas proferidas pelos entrevistados pudemos perceber as pessoas aos quais o Sabotage conquistou amizade em nenhum momento falaram mal dele, todos e todas falavam de como ele era carinhoso, simpático e carismático, nas entrelinhas do documentário é que encontramos a possibilidade de discutir o racismo à brasileira a que Sabotage era submetido.

Nosso objetivo, *a priori*, foi fazer uma apresentação deste personagem negro que foi fundamental para a música nacional. Fez amizades no meio cinematográfico e através disso tornou-se conhecido em todo país, deu entrevistas a redes televisivas e estava sempre com o sorriso estampado no rosto, ganhou várias premiações e tornou-se uma figura emblemática do *rap*.

Analisamos as entrevistas proferidas por familiares, amigos, cantores e diretores de cinema, negros brancos da elite e brancos pobres que viam Sabotage com muito carinho e ambos emitem uma opinião bastante afetuosa sobre ele.

Pelas falas apresentadas se vê que somente os membros do Hip Hop ou pessoas fortemente ligadas ao movimento, destacaram que o *rapper* era negro e o quanto isso lhe custou. As falas dos entrevistados brancos focaram somente na condição social de Sabotage. Por intermédio dele, observamos que no Brasil não há uma divisão racial igual a dos Estados Unidos, ele tinha uma visão crítica sobre a sociedade, mas esta priorizava os problemas sociais, não os raciais.

O fato de Sabotage ter transitado entre os brancos com certa facilidade deve-se ao fato de os brancos se agradarem do que Sabotage falava e defendia, este fato e sua simpatia serviram como ponte para estreitar os laços entre a periferia e a elite, pois para o *rapper* não há conflito entre brancos e negros na periferia.

É válido salientar algumas mensagens deixadas pelo representante do Canção, por perceber que em suas letras trazia a percepção de que dentro da favela o branco pobre e o negro pobre eram tratados da mesma forma pelo sistema, juntos sofriam violência policial, falta de saneamento básico, precarização da saúde e escolar. Na música “No Brooklin” de seu álbum “Rap é Compromisso”, ele aponta isso:

[...] branco e preto pobre não dão sorte contra o meritíssimo/  
 Então vai arriscar se errar tá perdido/  
 Tipo um portador do vírus magoado esquecido/  
 Sem minha mãe, sem meu irmão, só meus filhos/  
 Porque do lado de lá da sul fica esquisito e pra prova, ladrão, o rap é compromisso/  
 Pra uns pode até ser pra maioria num é viagem/  
 Favela do canção Brooklin, Sabotage.

Ao falar sobre a questão do negro, Sabotage relacionava também ao branco pobre, não vemos em seu posicionamento a ideia de que o negro sofre por racismo e também por ser pobre, já o branco pobre da periferia sofre somente por questão de classe.

Sabotage não só defendia essa ideia, como também acreditava na interação racial, chegando a casar-se com uma mulher branca. Em “Munrá<sup>31</sup>” ele diz que “o branco e o preto unido, respostas que cala o ridículo”, mostra que acreditava na relação harmônica entre brancos e negros, e é importante evidenciar que os comentários aqui trazidos não se tratam de críticas ao Sabotage, mas sim a possibilidade de repensar democracia e igualdade racial e que graças a esta forma de pensar, ampliou o horizonte social, humano e artístico dele.

---

<sup>31</sup> Trilha sonora do filme “O Invasor”

## REFERÊNCIAS

- ARAGAKI, Caroline. **O ABANDONO AFETIVO PATERNO ALÉM DAS EESTATÍSTICAS**. 2019. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/o-abandono-afetivo-paterno-alem-das-estatisticas/> Acesso em: 10 ago. 2020.
- BRUM, Alessandra Souza Melett et al. **O PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA NO FILME “O INVASOR”**. 2003.  
 \_\_\_\_\_. **DA LITERATURA AO FILME: Elementos de Transcrição em O Invasor**. Razón y Palabra, v. 16, n. 76, 2011.
- CAMARGOS, Roberto. **SE A HISTÓRIA É NOSSA ENTÃO DEIXA QUE NÓIS ESCREVE: os rappers como historiadores**. Artcultura, Uberlândia, v. 20, n. 36, fev. 2018.
- DIAS, Liliane. **Will Smith recebe cachê de US\$ 80 milhões por ano**. 2008. Disponível em: <https://notisul.com.br/geral/will-smith-recebe-cache-de-us-80-milhoes-por-ano/> . Acesso em: 19 nov. 2020.
- FÉLIX, João Batista de Jesus. **HIP HOP: Cultura e Política no Contexto Paulistano**. Curitiba: Appris, 2018.
- GEERTZ, Clifford. **INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS**. Rio de Janeiro: Ltc, 1981.  
 \_\_\_\_\_. Os usos da diversidade. **HORIZONTES ANATROPOLÓGICOS**, Porto Alegre,, 1999.
- GIMENO, Patricia Curi. **POÉTICA VERSÃO: A Construção Da Periferia No Rap**. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- HALL, Stuart. **IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS MODERNIDADE**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- MAUSS, Marcel. **ENSAIO SOBRE A DÁDIVA**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MIRANDA, Suzana Reck; TEREZANI, João Henrique T. A INVASÃO DO COTIDIANO EM O INVASOR: música popular como referente legitimador do "real". In **MÍDIA E COTIDIANO: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**, São Carlos, 2013.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. **A HARMONIA E A TENSÃO: as relações entre Antropologia e imagem**. Anthropológicas, Recife, 2009.
- PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologias. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 6., 2009, Lisboa. In **Sociedade dos Media: Comunicação, Política e Tecnologia**. Corvilhã: Labcom, 2009.
- SAMPAIO, Kleber. **Atlas da Violência: assassinatos de negros crescem 11,5% em 10 anos: estudo foi feito com base no sistema de informação sobre mortalidade**. Estudo foi feito com

base no Sistema de Informação sobre Mortalidade. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos> . Acesso em: 19 nov. 2020.

SANTANA, Guilherme. “**A música brasileira perdeu muito com a morte dele**”, diz diretor de doc sobre **Sabotage**. 2015. Disponível em: <https://noize.com.br/entrevista-ivan-13p-diretor-documentario-sabotage-maestro-do-canao/#1> . Acesso em: 9 jul. 2020.

TONI, C. **Um bom lugar**: biografia oficial de Mauro Mateus dos Santos-Sabotage. São Paulo: LiteraRUA, 2013.

## RECURSOS VISUAIS

**CARANDIRU: O Filme**. Direção de Héctor Babenco. Produção de Héctor Babenco. Realização de Columbia Pictures do Brasil. Roteiro: Héctor Babenco, Fernando Bonassi, Victor Navas. Música: André Abujamra. 2003.

MIDDLEJ, Roberto. **Documentário conta trajetória do rapper Sabotage, morto a tiros aos 29 anos**. 2015. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/documentario-conta-trajetoria-do-sabrappotage-morto-a-tiros-aos-29-anos/> . Acesso em: 20 ago. 2020.

RENAN INQUÉRITO; TULIPA RUIZ. **Lição de Casa**. Campinas: DJ Duh no Groove Arts Studio: 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bfX7OXyqXhM>. 4 min e 25 segundos.

Racionais Mc's. **Cap 4 versículo 3**. São Paulo. Cosa Nostra. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W4I3wm7vMT0&list=PLcbqoj6PmK64QJxqeNpO4CVN5ROB-5Jvb>.

**ONDE a CORUJA DORME**. Direção de Simplício Neto e Márcia Darraik. Rio de Janeiro: TV Zero; Riofilme; Antenna; Petrobrás, 2010.

**O INVASOR**. Direção de Beto Brant. Produção de Renato Ciasca. Roteiro: Marçal Aquino. 2002.

**SABOTAGE. Rap é compromisso**. São Paulo. Cosa Nostra: 2000.